

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 123 - Nº 2.120 - NOVEMBRO 2005

FAMÍLIA, VIDA E PAZ

*Subsídios para a Implantação e Desenvolvimento
das Campanhas "Viver em Família",
"Em Defesa da Vida" e "Construamos a Paz
Promovendo o Bem!"*

ISSN 1413 - 1749



9 771413 174008

R\$ 5,00

Em defesa
da
Vida

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 123 / Novembro, 2005 / Nº 2.120



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação

Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conj. F (SGAN)
70830-030 — Brasília (DF)
Tel.: (61)3321-1767; Fax: (61) 3322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil
Assinatura anual R\$ 39,00
Número avulso R\$ 5,00
Para o Exterior
Assinatura anual US\$ 35,00

Diretor — Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor — Altivo Ferreira; Redatores — Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária — Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente — Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 — I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17

20941-040 — Rio de Janeiro (RJ) — Brasil
Tel.: (21) 2187-8282; Fax: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Assinatura de Reformador:

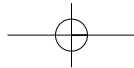
Tel.: (21) 2187-8264 / 8274

E-mail: assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Capa: Caroline de Q. Vasquez e Luis Hu Rivas

Tema da Capa: **FAMÍLIA, VIDA E PAZ** — sintetiza as Campanhas *Viver em Família, Em Defesa da Vida e Construímos a Paz Promovendo o Bem!*

EDITORIAL	4
Família, Vida e Paz	
ENTREVISTA: SPARTAK SEVERIN	13
Delineia-se o Espiritismo na Bielo-Rússia	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Sempre vivos – <i>Emmanuel</i>	
A FEB E O ESPERANTO	34
Przemek Grzybowski no Brasil – <i>Affonso Soares</i>	
PÁGINAS DA REVUE SPIRITE	36
A festa dos mortos não é nos cemitérios – <i>Moki</i>	
SEARA ESPÍRITA	42
<i>Vigilância permanente – Juvanir Borges de Souza</i>	5
<i>O bom livro espírita – Umberto Ferreira</i>	8
<i>Bem passada! – Richard Simonetti</i>	9
<i>O idoso – José Carlos Monteiro de Moura</i>	10
Rafael González Molina	12
<i>O chamamento de Jesus – Mauro Paiva Fonseca</i>	14
<i>Mortes prematuras – F. Altamir da Cunha</i>	15
<i>Quem escreve – Cármen Cinira</i>	16
Reativação das Campanhas sobre Família, Vida e Paz –	17
Campanha em Defesa da Vida – Aborto / Eutanásia	18
A educação como solução para os desafios do progresso	19
humano – <i>Licurgo Soares de Lacerda Filho</i>	
Na escola – <i>Emmanuel</i>	20
Pensamentos: instrumento para a evolução humana –	22
<i>Rodrigo Machado Tavares</i>	
Encontro de Magistrados Espíritas	25
Léon Denis e sua conferência <i>O Progresso pela</i>	26
<i>Liga do Ensino – Eduardo Carvalho Monteiro</i>	
Alma e evolução – <i>Léon Denis</i>	28
Os mortos que falam – <i>Joel M. Soares</i>	29
Divulguemos o Espiritismo – <i>Jorge Leite de Oliveira</i>	31
Santa maternidade – <i>Epiphanyo Leite</i>	33
Como estamos pensando? – <i>Jorge Hessen</i>	35
Qual o aspecto mais importante do Espiritismo? –	37
<i>Gerson Simões Monteiro</i>	
Repensando Kardec – Da Lei de Justiça, de Amor e de	39
Caridade – <i>Inaldo Lacerda Lima</i>	
Desportos – <i>André Luiz</i>	41



Editorial

Família, Vida e Paz

A despeito das conquistas que vem obtendo nos campos da Ciência e da Tecnologia, bem como dos avanços na aquisição dos valores morais, a Humanidade se debate com os problemas da desagregação familiar, do desrespeito à vida e do culto à violência.

Visando a colaborar com os homens na solução desses problemas, colocando à sua disposição os ensinamentos, esclarecimentos e orientações que os Espíritos Superiores nos oferecem através da Doutrina Espírita, o Movimento Espírita brasileiro – representado pelo Conselho Federativo Nacional da FEB –, lançou, em 1993, as Campanhas *Viver em Família* e *Em Defesa da Vida*, e, em 2001, a Campanha *Construamos a Paz Promovendo o Bem!*, campanhas estas que estão sendo reativadas.

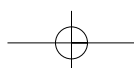
A Campanha *Viver em Família* destaca a importância da família na formação moral, intelectual e social das crianças, dos jovens e dos adultos, oferecendo-lhes condições de melhor vencer os desafios da existência humana. A Campanha *Em Defesa da Vida* valoriza a vida que a Providência Divina nos concede, mostrando a insensatez do suicídio, do aborto, da eutanásia, da pena de morte, da violência e do uso indevido das drogas. A Campanha *Construamos a Paz Promovendo o Bem!* ressalta que a Paz – que todos querem –, não se encontra pronta, e que só é alcançada construindo-a em nós mesmos através da vivência das Leis Morais que emanam de Deus, representadas pela prática do bem.

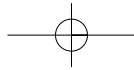
As pessoas clamam por paz, buscam uma vida feliz e esperam encontrar ou constituir uma família que atenda às suas necessidades de sustentação, orientação, aprendizado e afeto. A destinação da nossa existência, conforme estabelece a Providência Divina através da Lei do Progresso, caminha nesse sentido. Necessário, todavia, conscientizarmo-nos de que essas conquistas são obra nossa, realizada a cada dia, através da vivência do Evangelho, com claras conseqüências sociais.

Os Espíritos Superiores esclarecem que, ao revelarem os ensinamentos espíritas aos homens, estavam lançando “as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade”.*

Todos nós – os que temos conhecimento dos ensinamentos espíritas –, diante da realidade que nos cerca e da mensagem consoladora e esclarecedora da Doutrina Espírita, estamos convidados a colaborar na difusão desses ensinamentos, contribuindo, real e eficazmente, para a construção desse mundo novo, no qual a prática da Lei de Amor fortalecerá os laços da família e tornará a vida efetivamente fraterna e solidária, em clima de paz e progresso.

* *O Livro dos Espíritos*, Prolegômenos. Ed. FEB.





Vigilância permanente

Juvanir Borges de Souza

Dentro das hostes espíritas, no seio do movimento que nasceu e vai-se avolumando como conseqüência da Doutrina dos Espíritos, que lhe dá embasamento, existe a preocupação de evitar que os homens façam do Espiritismo o que fizeram do Cristianismo primitivo.

Léon Denis já expressara o pensamento de que o Espiritismo será o que dele fizerem os homens.

Em um mundo atrasado como o nosso, de expiações e provas, no qual a grande maioria da população preocupa-se somente com a materialidade da vida, com os interesses imediatos, esquecendo-se ou desinteressando-se do que diz respeito ao futuro do ser, nos desdobramentos da sua vida espiritual, não deixa de haver razão e lógica na comparação entre dois momentos na história do homem na Terra – o surgimento do Cristianismo e do Espiritismo.

A grande lição que se evidencia, na comparação entre os dois movimentos, nas suas fases nascentes, iniciais, é a da necessidade da vigilância permanente e eficaz de parte dos espíritas sinceros, para que o seu movimento, em qualquer parte do mundo, corresponda sempre à grandeza, à beleza, ao realismo e às verdades da Doutrina que lhe dá causa e o inspira.

É evidente que a superioridade das fontes que projetaram o Cristianismo e o Espiritismo no mundo das formas, bem assim as verdades e realidades dos seus princípios e fundamentos, não impedem a oposição, total ou parcial, daqueles que se abrigam nas sombras e na ignorância.

As conquistas no Bem, a evolução das criaturas, nos mundos como o nosso, nos quais predominam as imperfeições de seus habitantes, são conseqüências do esforço, do trabalho e da dedicação de minorias que despertam e aceitam verdades, ora conquistadas por elas mesmas, ora reveladas por Emissários de um Poder mais elevado.

No caso da Terra, esfera de segunda categoria, na classificação do adiantamento dos mundos, pela Doutrina Espírita, não têm faltado os promotores do progresso, seja no campo da vida material, no qual as ciências vão acrescentando sempre novos conhecimentos, seja no que concerne aos interesses do Espírito imortal, graças às Revelações que fluem do Alto.

Apesar da inegável evolução nos dois campos de atuação do Espírito, os avanços ocorrem com dificuldades de diversas ordens, em virtude da oposição daqueles que não alcançam a superioridade das novas proposições, novas idéias e novas revelações, retificadoras de erros e desvios que se tornaram assentes e aceitos.

Os que se opõem ao avanço e ao progresso são sempre em maior número que os de boa vontade, abertos às verdades novas.

Essas dificuldades de aceitação ocorreram com a Mensagem de Jesus, o Cristo, com a Terceira Revelação – o Espiritismo – e, de forma geral, com todas as novas idéias retificadoras de outras anteriores.

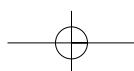
Muitos indagam, por não entenderem a atuação das leis divinas, por que Deus, a Suprema Sabedoria e o Cristo, Governador deste Orbe, permitiram o desvio ocorrido com o Cristianismo, com as graves conseqüências daí decorrentes repercutindo nos séculos e milênios afora?

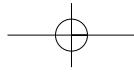
A resposta, com os conhecimentos que a Doutrina Espírita proporciona, torna-se evidente e lógica.

O progresso, como lei divina, não é imposto coercitivamente pelo Criador e por seus Cooperadores.

Para que ocorra a evolução de cada ser, seja individualmente ou em grupo, constituindo um povo, uma raça ou uma civilização, há necessidade da compreensão, cooperação e aceitação do próprio ser, individual ou coletivo.

O auxílio superior, a solidariedade dos mais adiantados para com os que se encontram na retaguarda está sempre presente. Mas é necessário também que seja obedecido o livre-arbítrio, a liberdade com a qual foi dotado cada Espírito criado. >





Torna-se evidente que Deus, o Criador, a Inteligência Suprema, não iria estabelecer leis eternas justas e infalíveis, e permitir sua desobediência ou aplicação somente em determinadas hipóteses.

Dentro dessa lógica e diante da perfeição das leis divinas reveladas pelos Espíritos Superiores podemos hoje compreender porque Jesus, com seu poder e superioridade espiritual indiscutíveis, não impôs seus ensinamentos a homens rebeldes, orgulhosos e auto-suficientes. Submetendo-se à lei divina, não fugiu às perseguições, sendo preso, injustiçado num processo irregular e iníquo e, crucificado, juntamente com dois ladrões.

Certamente que o Mestre Incomparável tinha poderes para eximir-se de todas aquelas iniquidades.

Mas preferiu o próprio sacrifício, numa demonstração e exemplo que ficariam como ensinamento indelével para os que já então o seguiam, como também para toda a Humanidade dos tempos futuros.

Decorridos dois mil anos da presença do Mestre entre os homens, com suas lições e exemplos registrados nos Evangelhos, não há como negar o desvirtuamento de seus ensinamentos, ocorrido logo nos primeiros séculos após sua vinda e nos dois milênios que se seguiram.

Podemos perceber, hoje, que o Cristo sabia e previu o que ocorreria com sua Mensagem.

Quando prometeu que pediria ao Pai o envio de outro Consolador, para lembrar seus ensinamentos e ensinar coisas novas, como ficou registrado no Evangelho de seu discípulo João, no capítulo XIV, versículos 15 a 17 e 26, deduzimos, com toda certeza e segurança, que o Mestre,

conhecendo o mundo e os homens que governa, previra o futuro, com as interpretações equivocadas de suas palavras por parte de muitos de seus seguidores e de parte dos que tinham outros interesses a defender.

A própria Instituição fundada com base nos ensinamentos do Mestre desviou-se do seu roteiro natural, impelida pelos interesses transitórios e pela ânsia do poder temporal, aliando-se aos poderosos do mundo, em detrimento dos interesses maiores visados pelo Cristo em favor de toda a Humanidade.

A pureza do Cristianismo primitivo ficou conspurcada por regras, interesses mundanos, ânsia de poder, dogmas impróprios

O resultado dessa insensatez colossal, de parte dos que não compreenderam a alta significação da presença do Cristo de Deus junto aos homens, com sua Mensagem de Vida para toda a eternidade, foi o retardamento do progresso espiritual da maior parcela dos habitantes deste planeta de expiações e provas.

A pureza do Cristianismo primitivo ficou conspurcada por regras, interesses mundanos, ânsia de poder, dogmas impróprios, impostos através dos séculos pelas instituições humanas que se propuseram a

divulgar e a praticar no mundo a Boa Nova do Cristo.

Depois de muitos séculos, torna-se difícil separar a pureza e beleza originais da Mensagem dos acréscimos humanos, com seus interesses imediatistas, seus cultos exteriores, sua hierarquia de poderes e suas interpretações ajustadas às suas pretensões.

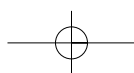
...

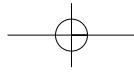
O que ocorreu com o Cristianismo, entendido como a Mensagem do Cristo aos homens, na sua significação original, é motivo de preocupação para os espíritas, pelas lições que encerra.

O Consolador prometido por Jesus foi enviado à Terra, após dezoito séculos da presença do Mestre entre os encarnados, quando as condições do mundo permitiram o cumprimento da promessa.

Mesmo com o progresso inegável do nosso mundo, sob os aspectos da organização política e social, do aperfeiçoamento das leis humanas e do reconhecimento de direitos essenciais do homem, entre os quais a liberdade de pensamento, de expressão e de crença, não foi fácil a vinda do Consolador prometido – o Espiritismo.

Resultante da presença de Espíritos Superiores junto aos homens, para transmitir-lhes conhecimentos transcendentais sobre Deus, o Criador dos Universos, sobre a vida do Espírito imortal, ora ligada a um corpo físico, ora livre, em esferas espirituais, sobre as leis divinas permanentes e perfeitas, sobre o mundo de expiações e provas em que vivemos, governado espiritualmente pelo Cristo, o filho de Deus,





e sobre outras questões de suma importância para a evolução da Humanidade, o Consolador, no mundo, representa uma nova fase na evolução deste planeta e de seus habitantes que despertarem para uma nova visão da vida.

A Humanidade, desde seus primórdios, separada em raças, dividida pelas crenças e religiões, pelas organizações sociais e pelo poder econômico, de que resultaram a riqueza e a miséria vivendo lado a lado, com o Consolador – o Espiritismo – tem a possibilidade de compreender-se melhor, pondo em execução a lei de amor, ensinada pelo Cristo e reafirmada pelos seus enviados da Terceira Revelação.

Demonstrando, através de fatos, que a vida continua em outras dimensões, sem a perda das aquisições feitas pelo Espírito imortal, o Espiritismo se opõe, com vantagem, ao materialismo de múltiplas faces cultivado na Terra.

Com a demonstração da continuidade da vida, deixa de ter a *morte* a significação e as conseqüências que lhe empresta a maior parte da população mundial.

De outro lado, vêm as revelações espíritas em socorro das religiões, reafirmando o que é verdade, em suas tradições, e demonstrando o desenvolvimento e continuação da vida nos planos espirituais, com as descrições dos mundos e esferas em que os Espíritos continuam suas experiências e colhem os resultados de suas atuações passadas.

A Doutrina Consoladora já comprovou que, ao lado das consolações e esperanças que proporciona àqueles que a aceitaram, há certos baluartes, verdadeiras fortalezas, que se obstinam em não reconhecer

a Verdade ampla e incontestável, preferindo defender suas verdades restritas ao campo material. São as diversas ciências que se desenvolveram sob a influência do materialismo. Nesse campo, não há dúvida que o reconhecimento da realidade é simples questão de tempo. Se as ciências persistem na busca da verdade, cedo ou tarde a encontrarão, não no restrito terreno da matéria em que atuam, mas na amplidão dos elementos componentes do Universo: Deus, o espírito e a matéria.

**O Movimento que
decorre do
Espiritismo
nem sempre se
apresenta unido e
unificado**

Na busca da verdade não há necessidade de sufocar a liberdade. As leis naturais ou divinas não autorizam as imposições do superior ao inferior. Para a evolução há necessidade da adesão espontânea, do convencimento, da aceitação das novas idéias por parte do aprendiz, que tem respeitada, assim, sua liberdade de pensar e de agir, com a correspondente responsabilidade por seus atos e decisões.

No Movimento que resultou da Doutrina dos Espíritos, desde cedo, ainda quando o Codificador trabalhava na sua elaboração e codificação, apareceram os primeiros escolhos, as primeiras divergências

oriundas daqueles elementos que não concordavam com determinados princípios, ou que os interpretavam segundo seus pontos de vista pessoais.

O “Espiritismo Independente” foi uma comprovação das divergências iniciais, que trouxeram a Allan Kardec dificuldades e tristezas previstas pelo Espírito de Verdade.

O Codificador superou as dificuldades com seu preparo, seus métodos e seu valor.

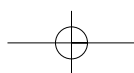
Mas uma Doutrina Superior, portadora de verdades novas que contrariam crenças e dogmas aceitos por longo tempo pelos habitantes de um mundo atrasado, como o nosso, encontra naturalmente oposições de diversas ordens.

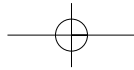
Interesses contrariados, retificações de erros milenares, inovações de difícil assimilação influem poderosamente nas individualidades orgulhosas e egoístas, que se postam em defesa de valores que já aceitaram como verdadeiros e que são contestados.

Essa é a grande dificuldade que o Espiritismo encontra no mundo.

De outro lado, sendo uma Doutrina de grande abrangência, com contribuições de natureza religiosa, filosófica e científica que contrariam tradições poderosas aceitas pelo homem, o Movimento que decorre do Espiritismo nem sempre se apresenta unido e unificado, por divergências e interpretações diferentes em seu próprio seio.

Infelizmente, nem todos os espíritas compreendem que o Espiritismo, tal como o apresenta o missionário da Codificação, tem como fonte de seus princípios e ensinamentos a Espiritualidade Superior, com o Espírito de Verdade à frente.





Por isso os homens, habitantes de um mundo atrasado em conhecimentos e moralidade, como o nosso, têm a opção de aceitá-lo, ou não, no uso de seu livre-arbítrio, mas esse direito não vai ao ponto de modificar os princípios fundamentais da Doutrina, opondo-lhe opiniões pessoais, com acréscimos ou supressões que modificam a unidade doutrinária.

O desdobramento das bases fundamentais da Doutrina Espírita é natural, por ser ela evolucionista e não estática, como já vem ocorrendo na vasta literatura posterior à Codificação que não contraria os postulados revelados.

O que não se justifica é a mutilação, alteração ou truncamento da Doutrina Revelada, para suprimir-lhe, por exemplo, o princípio da reencarnação, como ocorre com o Espiritualismo de determinados países de língua inglesa, ou para desvincular os ensinamentos morais do Cristo do Consolador por Ele prometido, ou para considerar o Espiritismo apenas mais uma ciência, concorrente com as demais, ou reduzi-lo à sua parte fenomenológica.

Em suma, o perigo dos desvios doutrinários, com prejuízos evidentes para a unidade do Espiritismo, existiu no Movimento desde seu início, continuando nos dias atuais, tal como ocorreu com o Cristianismo primitivo, com as conseqüências conhecidas.

Esse fato ressalta a necessidade de vigilância permanente, de amor à Doutrina e de trabalho consciente e pertinaz, de parte dos espíritas sinceros, em defesa da Verdade, tal como a revelaram os Enviados do Cristo. ■

O bom livro espírita

Umberto Ferreira

O número de livros, abordando os mais diferentes assuntos, aumenta dia após dia. A qualidade, entretanto, é bastante diferente. Há os que são bons, os razoáveis e os de conteúdo pobre. Como conseqüência, há muitos livros que permanecem encalhados em livrarias ou editoras.

Isso é válido para livros espíritas, tanto de autores encarnados, como de autoria dos Espíritos, porquanto entre os livros psicografados há muitos que são de qualidade inferior.

O número de livros espíritas é bastante expressivo: mais de três mil títulos.

É possível, é necessário, é conveniente lê-los todos? A existência de tantos livros – de qualidade bastante diversa – pode causar prejuízos aos leitores?

O espírita goza da liberdade de expor as suas idéias através de livros, bem como de divulgá-los livremente.

Não há, no Movimento Espírita, instrumento de censura ou de controle com a finalidade de impedir a edição e divulgação de livros de conteúdo inadequado ou ruim.

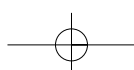
Nesse caso, como selecionar um livro para leitura? Como reconhecer o bom livro de autor encarnado ou psicografado?

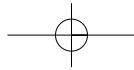
Há um critério que é bastante seguro e que é recomendável empregar: é selecionar o livro com base no conteúdo. O conteúdo do bom livro é edificante, educativo, doutrinariamente seguro e não entra em desacordo com os ensinamentos do Mestre Jesus ou de Allan Kardec. Para chegar a essa conclusão, todavia, a pessoa interessada não pode prescindir de razoável conhecimento doutrinário. Caso contrário, pode julgar bom um livro nada edificante ou que contenha falhas ou deturpações doutrinárias mais ou menos graves.

Como proceder para se adquirir essa base doutrinária?

A resposta é simples: É estudar *O Livro dos Espíritos*. Em seguida, as outras obras de Allan Kardec, ou seja: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Livro dos Médiuns*, *O Céu e o Inferno*, *A Gênese*. Com esses conhecimentos, o interessado terá condições de selecionar livros espíritas, psicografados ou não.

Uma boa opção para se realizar o estudo das obras básicas de Allan Kardec é o estudo sistematizado, hoje implantado em grande número de centros espíritas. ■





Bem passada!

Richard Simonetti

Os aprendizes espíritas não experimentarão grandes dificuldades ao desencarnar.

Temos, nas obras doutrinárias, um bê-á-bá da vida espiritual.

No entanto, é bom lembrar uma observação de Jesus (Lucas, 12:48):

Muito será pedido àquele a quem muito se ofereceu.

Conhecimento é sinônimo de responsabilidade. E mais: O conhecimento da verdade implica compromisso com ela.

E qual seria o nosso grande compromisso, diante dessa maravilhosa visão das realidades espirituais que a Doutrina Espírita nos oferece? Kardec responde:

Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.

Somos chamados à decantada *reforma íntima*, abrangendo como pensamos, o que fazemos.

Se sabemos que:

- Não transitamos pela Terra em jornada de férias.
- Somos seres imortais que já vivíamos antes do berço e continuaremos a viver depois do túmulo.

Num bate-papo informal entre confrades falava-se das vantagens do conhecimento espírita, em relação à morte.

Sucediam-se comentários animados:

– Será tranqüilo o nosso retorno...

– Sem dúvida! Afinal, sabemos como será...

– Não teremos nenhum problema de adaptação, o que não acontece com nossos irmãos de outras crenças...

– Coitados! Imaginam que vão dormir até o juízo final!...

– Manifestam-se perturbados quando tomam conhecimento de sua condição...

O pessoal estava animado com essa perspectiva, quando Chico Xavier jogou água fria na fervura:

– Jamais vi, em meus contatos com o Mundo Espiritual, um espírita que me dissesse estar contente com sua situação. Todos lamentam, e muito, não terem feito o que podiam, enquanto encarnados.

...

Que o Espiritismo é bênção de Deus, mostrando-nos as realidades de além-túmulo, não padece dúvida.

- Aqui estamos com o objetivo primordial de *evoluir*, superando limitações e mazelas.
- É preciso vencer o egoísmo, o elemento gerador de todos os males humanos.
- Devemos nos harmonizar com as pessoas de nossa convivência, superando desentendimentos do passado ou do presente.
- A vivência das virtudes evangélicas constitui um exercício diário indispensável.

Se aprendemos tudo isso, dá para perceber que o Espiritismo não é mero passaporte para as bem-aventuranças, além-túmulo.

Situa-se muito mais como um roteiro.

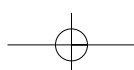
Roteiro maravilhoso, diga-se de passagem, o *mapa da mina celestial*, mas com uma particularidade ponderável:

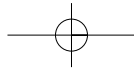
Tomar conhecimento dele é, implicitamente, assinar um termo de compromisso, mais ou menos assim:

Eu, fulano de tal, estou perfeitamente consciente das responsabilidades inerentes ao conhecimento espírita.

Assumo o compromisso de combater, com perseverança e tenacidade, as minhas mazelas e imperfeições, a pensar no Bem e praticar o Bem em todos os dias de minha vida, tendo por roteiro as lições de Jesus.

É bom tomar cuidado, portanto, evitando surpresas desagradáveis nos tribunais do Além. ■





O idoso

José Carlos Monteiro de Moura

“— Em verdade, Simão, ser moço ou velho, no mundo, não interessa!... Antes de tudo, é preciso ser de Deus!...”

(In Boa Nova, cap. 9, p. 67, pelo Espírito Humberto de Campos.)

1. Quando se pergunta a um oriental a respeito de sua saúde ou de sua idade, ele normalmente responde: “meu corpo está sã” ou “meu corpo está doente”; “meu corpo está velho” ou “meu corpo está novo”. A sua cultura lhe permite conviver com a dualidade corpo-espírito e aceitar como fato natural e consumado a supremacia deste sobre aquele. Por isso, a morte, as doenças e o envelhecimento são fatos que, para ele, não ultrapassam a esfera corporal, apesar de não desconhecer que o Espírito também tem idade, podendo ser velho ou novo.

No Ocidente, ocorre o contrário. O lado material predomina, razão por que morte, doenças e velhice são aceitas com restrições e vistas, na maioria das vezes, como castigo de Deus, principalmente as duas primeiras. Em torno da morte desenvolveu-se um verdadeiro culto de terror, alimentado pelas idéias das penas eternas, do inferno, do demônio e de outros absurdos impingidos ao povo. As doenças, sobretudo as epidemias que, periodicamente, faziam milhares de vítimas, eram tidas como manifestação da cólera divina. Essa situação tinha como fator primordial a ignorância popular cuidadosamente cultivada,

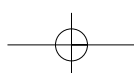
por ser indispensável à manutenção dos privilégios das classes dominantes, entre as quais, sabidamente, pontificava o clero romano. O lado espiritual do ser humano era praticamente considerado mero acessório, numa réplica do velho adágio do Direito Romano: *accessio cedat principalis* (o acessório segue o principal). Funcionava (ou ainda funciona) como uma espécie de compensação diante da morte do corpo ou das moléstias que o atingem. Em face da inevitabilidade da morte e dos sofrimentos provocados pelas doenças, acenava-se, para o homem, com uma espécie de compensação: a vida após a morte, em que a ociosidade, a ausência de problemas e uma extática e enfadonha adoração a Deus, além do privilégio de poder assistir aos desfiles das milícias celestiais, compensaria a perda do corpo físico ou os sofrimentos que lhe são próprios. Dos males, o menor!

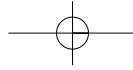
2. Embora essa indiscutível prevalência da matéria sobre o espírito, foi deste lado do mundo que o Cristianismo alcançou o seu apogeu, pelo menos do ponto de vista quantitativo. A contradição que daí decorre é flagrante, sobretudo se se levar em conta o inevitá-

vel conflito entre o modo de vida ocidental e aquele pregado pelo Cristianismo.

3. Essa situação recrudescceu de forma violenta nos últimos tempos, com o advento da globalização. A Terra, no particular aspecto do reconhecimento dos autênticos valores humanos, nunca foi um modelo digno de imitação, e sempre conviveu, em todas as épocas, com os mesmos males da era atual. Todavia, os erros do passado não justificam nem autorizam a sua repetição no presente. Muitas situações, enraizadas no contexto social há séculos ou milênios, clamam por uma modificação ou mesmo extinção, a fim de que, no futuro, seja possível a existência de uma sociedade mais justa, mais solidária, mais compassiva e mais fraterna.

4. Entre os hábitos e costumes que insistem em manter-se vivos dentro da cultura ocidental está a forma de se tratar o idoso. Observa-se, quanto a ela, uma inconteste falta de caridade, nenhuma piedade e compaixão. Não são poucas as ocasiões em que o ancião é tido na conta de um verdadeiro trapo, inútil, incômodo e descartável. No caso particular do Brasil, tal estado de coisas se verifica com indesejável frequência, não obstante a existência até de normas legais regulamentando seus direitos. A própria sociedade não se sensibili-





za tanto diante do idoso, principalmente do idoso desamparado, como o faz quando se defronta com o menor nas mesmas condições. O tema é, do ponto de vista histórico, extremamente conflitante e contraditório. Se é certo que em todas as civilizações do passado e até da Idade Moderna os anciãos sempre foram ouvidos em relação aos problemas mais sérios do Governo, da Nação ou do Estado, também não é menos certo que em muitas delas se recomendava a eutanásia para aqueles que, devido à idade avançada, não poderiam mais ser úteis à coletividade. Na Grécia e na Roma antigas, onde os Conselhos dos Anciãos alcançaram relevante papel na estrutura do Estado, a morte era, no entanto, considerada um alívio para a velhice, em face da pregação hedonista de seus filósofos de que “a dor é o único mal, e o prazer o único bem da vida”.

Com o Cristianismo, tal situação não poderia nem deveria continuar existindo. No entanto, foi numa nação eminentemente cristã, a Alemanha, que, em pleno século XX, milhares de idosos foram mortos, em nome de uma pretensa superioridade eugênica e em atenção a outros interesses nem sempre bem explicados...

5. O Espiritismo, na condição de vertente cristã que mais se identifica com a pureza e autenticidade da doutrina pregada e exemplificada por Jesus, não faz distinção entre velhos e novos, mas, sim, entre Espíritos evoluídos ou não. Mocidade e velhice são apenas etapas passageiras do progresso do Espírito. De acordo com Emmanuel,

“(...) não podem significar senão meras expressões de uma vida física que finda com a morte. Não há moços nem velhos e sim almas jovens no raciocínio ou profundamente enriquecidas no campo das experiências humanas”. (*Cinquenta Anos Depois*, 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, Primeira Parte, cap. II, p. 40.)

Manoel Philomeno de Miranda entende que “os Espíritos são as almas dos homens com as suas qualidades e imperfeições” anteriores. (*Temas da Vida e da Morte*, 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, “Calvário de Luz”, p. 137.) E Joanna de Ângelis é incisiva ao dizer: “O espírito é a soma das suas vidas progressas.” (*Estudos Espíritas*, 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, cap. 17, p. 134.)

Ademais, a idade física nem sempre corresponde à idade espiritual, e vice-versa. Um Espírito velho pode habitar um corpo novo, bem como um Espírito novo pode animar um corpo já velho. Isso não significa, porém, que a mocidade ou a velhice do Espírito implique, fatalmente, a ignorância ou o atraso de um e a sabedoria e a evolução de outro. De acordo com *O Livro dos Espíritos*, Deus os criou simples e ignorantes e a todos concedeu as mesmas oportunidades, não obstante as diferenças das misérias individuais, a fim de alcançarem a perfeição pelo conhecimento da verdade (questão 115). Daí decorre que, perante Ele, existe a mais absoluta igualdade natural (questão 803), e que o progresso de cada um é encargo de sua alçada exclusiva, uma vez que o plano divino não comporta exceções, privilégios ou preferências (questões

117 e 803). Não há que se cogitar de um tratamento diferenciado para crianças ou para os jovens de um modo geral, e de um outro destinado à velhice. Kardec, comentando a passagem evangélica em que Jesus chama a si as criancinhas (Marcos, 10:13-16), ressalta o caráter simbólico desse chamamento, asseverando que o Espírito da criança pode ser muito antigo e trazer consigo, ao renascer “para a vida corporal, as imperfeições de que se não tenha despojado em suas precedentes existências”. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VIII, item 3.)

Por sua vez, é bom lembrar que um dos mais edificantes exemplos de sabedoria de que se tem notícia no Novo Testamento foi dado por Gamaliel, um dos membros do Sinédrio que já havia atingido uma avançada faixa etária. (Atos dos Apóstolos, 5: 38-39.)

6. Entretanto, existem alguns procedimentos referentes aos idosos que servem apenas para demonstrar o atraso moral ainda vigente no seio da Humanidade, reveladores que são de um egoísmo superlativo e de uma carência absoluta do sentimento de caridade. Entre eles, podem ser lembrados, por exemplo:

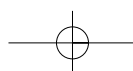
1. A permanência prolongada e desnecessária do idoso enfermo em hospital, para os parentes se verem livres dele em casa.

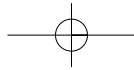
2. A constante falta de tempo para conversar com ele.

3. A ausência sistemática de paciência para compreendê-lo.

4. O desinteresse pelos seus problemas.

5. A tendência de ignorá-lo ou





de considerá-lo verdadeiro objeto descartável.

6. O desconhecimento da solidão que o aflige, que nem sempre significa estar sozinho, mas o sentir-se só e indesejável!

Diante disso e para que sirva de reflexão para todos os que se preocupam com uma sociedade melhor, da qual, necessariamente, não se poderão excluir os idosos, abaixo se encontra transcrito o poema de um autor inglês desconhecido, traduzido por Charles William Rule, cujo objeto é:

O Idoso

Abençoados são aqueles que compreendem meus passos vacilantes, minhas mãos que tremem.

Abençoados são aqueles que sabem que hoje meus ouvidos precisam se esforçar para apreender as coisas que dizem.

Abençoados são aqueles que parecem saber que meus olhos são embaçados e meu espírito, vago-roso.

Abençoados os que olharam para o outro lado, quando hoje derramei café na mesa.

Abençoados aqueles que com um alegre sorriso param para conversar um pouco.

Abençoados aqueles que nunca dizem: "Você contou esta história duas vezes hoje."

Abençoados aqueles que sabem como trazer de volta lembranças de ontem.

Abençoados os que percebem o meu desalento em forças encontrar para a cruz carregar.

Abençoados aqueles que com bondade suavizam minha jornada à última morada. ■

Rafael González Molina

Regressou à Pátria Espiritual, no dia 16 de maio de 2005, Rafael González Molina, valeroso seareiro do Movimento Espírita espanhol e um dos fundadores do Conselho Espírita Internacional.



Viveu temporariamente no Brasil, em São Paulo, com sua esposa Manuela Morata e com seus filhos Félix e Rafael, de 1954 a 1967, onde mantiveram seus primeiros contatos com o Espiritismo e leram a obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Frequentaram a Liga Espírita do Estado de São Paulo, Federação Espírita do Estado de São Paulo e o Centro Espírita Irmão X. Fixaram-se nestes dois últimos, nos quais colaboraram com os conhecimentos adquiridos nos cursos espíritas de oratória e de passes de que participaram, destinados a dirigentes espíritas.

Ao retornar para a Espanha, Molina frequentou reuniões mediúnicas em residências particulares. Passou a editar uma revista espírita, intitulada *Divulgación Espírita* e, apesar do período da ditadura franquista, lutou para a legalização do Espiritismo na Espanha. Esse objetivo foi alcançado em outubro de 1981. Rafael González Molina, junto com sua esposa Manuela Morata e com um pequeno grupo de entusiastas espíritas, con-

seguiram a autorização do Ministério do Interior para o funcionamento da *Asociación Espírita Española*. Posteriormente também conseguiu, em 10 de outubro de 1984, a autorização para constituir a *Federación Espírita Española*, da

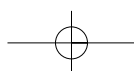
qual foi presidente durante muitos anos.

No Congresso Espírita Mundial de Liège (Bélgica), em 1990, foi designada uma Comissão Provisória, sob a coordenação de Rafael González Molina para preparar e organizar uma Entidade Espírita Internacional.

No ano de 1992, como Presidente da Federação Espírita Espanhola, propôs-se a realizar o Congresso Mundial de Espiritismo, no período 27 a 29 de novembro. Este evento foi muito importante, pois ensejou a constituição do Conselho Espírita Internacional, com a participação da Argentina, Brasil, Espanha, Estados Unidos (Flórida), França, Grã-Bretanha, Guatemala, Itália, Portugal, e tendo Molina sido escolhido como o primeiro Secretário-Geral do CEI.

A partir de 1992 iniciaram-se também os Congressos Nacionais de Espiritismo, na Espanha. ■

(Informações biográficas com base em subsídios fornecidos por Juan Miguel Fernández Muñoz.)



ENTREVISTA: SPARTAK SEVERIN

Delineia-se o Espiritismo na Bielo-Rússia

Spartak Severin compareceu ao Curso de Capacitação do Trabalhador Espírita, promovido pelo CEI em Brasília, em julho passado. Nesta entrevista, presta informações acerca do iniciante Grupo Espírita em Minsk (Bielo-Rússia) e de livros existentes no idioma russo, bem como sobre a tradução de livros e revistas para aquela língua

P. – O que o levou a entrar em contato com a Doutrina Espírita?

Spartak – Há uns 25 anos comecei a estudar as várias escolas de filosofia e de religião. Somente agora eu entendo que era minha tarefa atual estudar e distribuir a fé. Foram interessantes as leituras que fiz em variadas direções, sobre todos os tipos de religião – ortodoxa, católica, budista, xintoísta, protestante e outras. Em 1995 eu encontrei em livraria de nossa cidade um livro de Allan Kardec – *O Livro dos Médiuns* –, vertido para o russo, o qual li com um grande interesse. A partir daí encontrei e li integralmente os cinco livros principais de Allan Kardec. Então pensei que poderia começar meus estudos sobre Espiritismo porque, diferente de outras linhas da filosofia e da religião, o Espiritismo não provoca a fé cega, mas se baseia em pensamentos lógicos e em pesquisas.

P. – Como surgiu o Grupo Espírita de Minsk?

Spartak – Primeiramente era sozinho, mas logo encontrei alguns colegas e formamos um grupo de pessoas interessadas no Espiritismo. Atualmente um grupo de 30 pessoas trabalha com curas e estudos baseados na Doutrina Espírita. Fi-



Spartak Severin

zemos contatos com alguns acadêmicos da Academia Nacional de Ciências da Bielo-Rússia, interessados em parapsicologia e em fenômenos sobre o “outro lado” da vida, e oferecemo-lhes algumas de nossas traduções de artigos de *La Revue Spirite* para que eles as publicassem.

P. – Quantos livros de Allan Kardec estão publicados em russo?

Spartak – Já relatei anteriormente que os cinco principais livros de Allan Kardec estão disponíveis em russo. Graças a estas versões é que agora sou um adepto do Espiritismo.

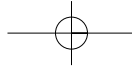
P. – Você tem vertido alguns livros para o russo?

Spartak – Primeiramente tra-

duzi alguns artigos de *La Revue Spirite* para o russo e os encaminhei a Roger Perez, Presidente da União Espírita Francesa e Francofônica, e a Elsa Rossi, do Reino Unido. Desde então tenho traduzido algumas informações para páginas eletrônicas de Espiritismo e, há pouco, concluí a tradução de dois livros a partir do idioma inglês (*Sinal Verde*, de Francisco Cândido Xavier, e *Viver e Amar*, de Divaldo Pereira Franco) que Elsa Rossi me enviou. Em seguida traduzi mais alguns artigos de *La Revue Spirite* para a revista *Mistérios do Universo*, da Academia Nacional de Ciências da Bielo-Rússia. Agora estou traduzindo, com grande interesse, o livro *Os Mensageiros*, do Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, a partir da edição do CEI em francês.

P. – Como ocorreu seu primeiro contato com o Conselho Espírita Internacional?

Spartak – O primeiro contato com o Conselho Espírita Internacional ocorreu após meu encontro com Roger Perez. Em 1996 eu fazia um estágio de televisão em Paris, em função de meu trabalho na TV Bielo-russa. Tive um tempo livre e fui visitar o cemitério do Père-La-



chaise e encontrei na sepultura de Allan Kardec, na sua parte traseira, um quadro de informações que contém algumas frases de livros de Allan Kardec e o telefone do Sr. Roger Perez. Telefonei a ele e conversamos um pouco. No ano seguinte o Sr. Perez convidou-me para participar da Reunião do Conselho Espírita Internacional, em Paris, de 2 a 5 de outubro de 1997. Foi para mim uma valiosa experiência. Na oportunidade fiz contato com o

Sr. Nestor João Masotti e muitos outros participantes do Movimento Espírita internacional. Recentemente estive na Reunião da Coordenação de Apoio ao Movimento Espírita da Europa, órgão do CEI, realizada em Luxemburgo.

P. – Teria algum fato interessante a relatar, sobre médiuns ou sobre a Doutrina Espírita?

Spartak – Há alguns fatos interessantes sobre as manifestações espíritas em minha vida... Em 1998

eu estava na Itália como líder de um grupo de órfãos bielo-russos, porque eu também falo italiano. Visitei uma pequena igreja em Gênova e fiz foto de uma estatueta da Mãe de Jesus. Quando revelei o filme verifiquei que, na parede da igreja, aparecia uma grande imagem de Jesus olhando a estatueta de sua Mãe. Penso que foi uma grande oportunidade poder vê-la. Foi como uma confirmação para meus estudos sobre Espiritismo. ■

O chamamento de Jesus

Mauro Paiva Fonseca

“Vinde a mim, todos vós que estais aflitos (...).”, capítulo VI, item 1, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 136 da 58ª edição.

Como sempre, os ensinamentos do Divino Mestre guardam um sentido velado que nos leva a pesquisá-los para podermos absorver seus verdadeiros significados.

Jesus já não se encontra encarnado na Terra, então, qual o sentido do “vinde a mim”? Deveríamos transportar-nos às paragens de luz, onde Ele habita, para encontrá-lo?

Deveríamos adorá-lo contemplando suas imagens espalhadas aos milhões pelos recantos da Terra, ou significaria buscá-lo através da prece?

O raciocínio lógico está a nos dizer que o convite tem um sentido mais real, mais de acordo com os ensinamentos do Evangelho, legado por Ele à Humanidade.

Se os sofrimentos têm todos uma razão justa, o bom senso indi-

ca que não nos libertaremos deles apenas balbuciando uma súplica a Jesus, que declarou claramente: “Não vim destruir a lei, mas, cumpri-la!”

Com a afirmação “a cada um, conforme suas obras”, o Mestre ratifica a Lei do Mérito, mostrando que cada qual receberá o quinhão de felicidade e paz de acordo com os esforços que empregar em seu progresso espiritual. A prece, sem dúvida, tem um grande poder de realização quando respaldada pelo merecimento, porém, os pedrouços e as urzes do nosso caminho foram colocados por nós mesmos no uso pleno do livre-arbítrio, quando nos recusamos pautar os atos da existência pelas diretrizes do dever e do amor.

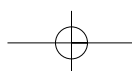
Fica assim claro que “vinde a mim” significa: buscai os meus ensinamentos! Não seria admissível que alguém, comprometido com um passado de erros e crimes, fosse agraciado com a libertação dos sofrimentos à custa, apenas, de uma prece!

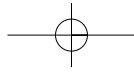
O Cristo está representado entre as criaturas por seu Evangelho, repo-

sitório completo de diretrizes, cujo conhecimento e prática conduzirão à libertação da inferioridade e do mal.

Para consecução desse objetivo, entretanto, serão necessários requisitos indispensáveis, como: crer nas verdades ensinadas, sacudir o ócio, vencer a preguiça mental e superar o orgulho, fazendo-se humilde para reconhecer as próprias necessidades. Será fundamental estar imbuído de elevada dose de boa vontade, para empreender estudo sistemático e perseverante do Evangelho de Jesus, claramente explicado pela Doutrina Espírita.

Este é o caminho a que nos convida o Mestre, como inevitável para todos, sem exceção. Recusar segui-lo significa retardar o despertamento, que obrigatoriamente se dará, mais cedo ou mais tarde, porque todo aquele que se afastar dEle, estagnando-se na rebeldia indifferente, será invariavelmente compelido a avançar, empurrado, inexoravelmente, pelo turbilhão do progresso! ■





Mortes prematuras

F. Altamir da Cunha

A morte em qualquer idade tem sido motivo para profundas reflexões; porém maiores se tornam essas reflexões quando ela atinge criaturas que mal despertaram para a vida.

As mortes prematuras surpreendem a tal ponto, que muitos indagam perturbados: Por que morre uma criança que mal começou a viver, enquanto pessoas idosas continuam a viver?

A crença de que o Espírito é criado no momento da formação do corpo, e que a ele é dada apenas uma oportunidade encarnatória conduz à interpretação errônea de que as mortes prematuras são um paradoxo.

Se tivesse o Espírito apenas uma encarnação, se sua sorte fosse definida, assim, para toda a eternidade, bem que seria um contra-senso; e porque não dizer, uma injustiça; pois enquanto uns têm uma existência longa com mais condição de progredir e melhor definir seu destino, outros, que mal despertaram para a vida, sofrem a sua interrupção definitiva.

Claro que tal ordem de coisas não estaria em sintonia com a Justiça Divina.

De acordo com a Doutrina Espírita, pela reencarnação, a igualda-

de é para todos; o futuro pertence a todos sem exceção e sem favor para ninguém.

Se observarmos o comportamento de algumas crianças, encontraremos motivo suficiente para compreender que a infância não é um estado normal de inocência, pois vemos crianças dotadas dos piores instintos em idade na qual a educação não pôde ainda exercer sua influência, enquanto outras são providas de instintos tão diferentes, apesar de conviverem no mesmo meio, e até pertencerem à mesma família.

Com base no exposto, e para mantermos a certeza de que a justiça de Deus alcança a todos indistintamente, a desencarnação deve ser entendida, mesmo em crianças, como um fenômeno natural.

O meio onde reencarnará o Espírito, as provações que enfrentará, o gênero de morte que o fará retornar e a idade do retorno fazem parte de um programa divino com o objetivo de proporcionar o melhor para a sua evolução espiritual, e não de fazê-lo sofrer.

Não resta dúvida que nas chamadas desencarnações prematuras, a Espiritualidade ensina importantes transformações espirituais para os pais.

Quantas criaturas, após a desencarnação de entes queridos ainda jovens, entram em profundas reflexões, despertam para objetivos mais nobres, iniciando a mudança

na visão materialista de que eram portadoras?

Os objetivos da desencarnação prematura são variados, mas jamais contrariam os desígnios de Deus.

De acordo com Jesus, “uma folha não se move, que não seja com o consentimento do Pai”.

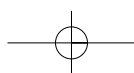
Em quaisquer circunstâncias, este acontecimento ocorre para atender às necessidades do Espírito desencarnante e daqueles que estão a ele ligados pela consangüinidade ou afetividade.

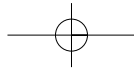
Na questão 199 de *O Livro dos Espíritos*, indaga Kardec: “Por que tão freqüentemente a vida se interrompe na infância?”

Resposta: – “A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que deveria terminar, e sua morte, também não raro, constitui *provação ou expiação para os pais*.” (Grifamos.)

Analisemos separadamente os dois destaques que propositalmente fizemos na resposta acima:

a) **O complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que deveria terminar:** Todos nós ao reencarnar trazemos os recursos necessários para um programa, no qual se encontra inserido o tempo médio de vida que teremos no corpo físico. >





O tipo de vida que escolhemos viver, se com moderação ou com excesso, é que irá definir se atingiremos este tempo médio ou se retornaremos antecipadamente à espiritualidade.

Este retorno antecipado tem normalmente duas causas: o suicídio direto, quando o Espírito deliberadamente decide fugir da vida e o suicídio moral (ou indireto), quando pelos excessos praticados, como a gula, a ociosidade, a violência, os desequilíbrios das emoções, as irresponsabilidades no trânsito, a violência, e outros, atrairão para si acontecimentos fora do programa preestabelecido, provocando abrupta ou gradativamente a sua desencarnação, requerendo, assim, uma reencarnação complementar no futuro.

b) **Prova ou expiação para os pais:** Àqueles que no passado cometeram delitos que influenciaram negativamente no destino de outrem, ou que não souberam valorizar a maternidade ou a paternidade, normalmente recebem-no de volta na condição de filho que muito amam; e, feridos pelo choque do retorno prematuro do mesmo, aprenderão a valorizar o que no passado desprezaram.

Como vemos, tudo tem uma razão de ser, e cada um receberá de acordo com suas obras.

O retorno em qualquer idade é consequência de uma lei natural que atinge igualmente a todos.

A qualquer criatura, que esteja a enfrentar a dor da separação de um ente querido, a orientação é a de confiança em Deus, que nos suprirá com os recursos necessários para que a suportemos com resignação, e a certeza de que a vida continua.

Se a lacuna deixada se transformou em dor insuportável, preencho-la direcionando o amor pelo ente querido ausente para outros que na vida não tiveram a oportunidade de ser amados.

Agindo desta forma, não iremos esquecer aquele que partiu, pois jamais olvidaremos os que

amamos, mas o amor ao próximo será como força transformadora da dor em suave saudade.

Resta-nos, portanto, a gratidão a Deus pelos momentos felizes que tivemos ao lado do ente amado, alimentada pela esperança do reencontro que com certeza um dia se dará. ■

Quem escreve

Quem escreve no mundo
É como quem semeia
Sobre o solo fecundo...

A inteligência brilha sempre cheia
De possibilidades infinitas.

Planta
Uma idéia qualquer onde te agitas,
Semeia essa idéia pecadora ou santa,
E vê-la-ás, a todos extensiva,
Multiplicar-se milagrosa e viva.

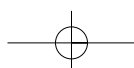
Sem tanger as feridas e as arestas,
Conduze com cuidado
A pena pequenina em que te manifestas!
Foge à volúpia das maldades nuas,
Não condenes, não firas, não destruas...

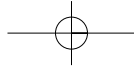
Porque o verbo falado
Muita vez é disperso
Pelo vento que flui da Fonte do Universo.

Mas a palavra escrita
Guarda a força infinita
Que traz resposta a toda a sementeira,
Em frutos de beleza e de alegria
Ou de mágoa sombria,
Para os caminhos de uma vida inteira.

Cármem Cinira

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Poetas Redivivos*. Diversos Espíritos. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 108-109.





Reativação das Campanhas sobre Família, Vida e Paz

Em atendimento à decisão do Conselho Federativo Nacional da FEB estão sendo relançadas as Campanhas Viver em Família, Em Defesa da Vida e Construamos a Paz Promovendo o Bem! Os materiais a serem utilizados nas Campanhas encontram-se disponíveis e serão apresentados na Reunião do CFN, entre 11 e 13/11/2005. As Entidades Federativas Estaduais realizarão adequações e a implementação nos respectivos Estados.

Esclarecimentos iniciais

A Federação Espírita Brasileira antecipou os esclarecimentos sobre o aborto, editando o Suplemento “O Aborto na Visão Espírita”, em *Reformador* de julho de 2005. Essa medida foi acompanhada de intensa movimentação da FEB, em conjunto com a Associação Médico-Espírita do Brasil e a Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas, junto aos três poderes da República – Executivo, Legislativo e Judiciário –, tendo em vista as iniciativas do Governo Federal no sentido de revisar a legislação relacionada com a prática do aborto em nosso país, entregando-lhes os opúsculos *A Vida Contra o Aborto* (da AMEB) e *O Direito à Vida no Ordenamento Jurídico Brasileiro* (da ABRAME).

Paralelamente aos esclarecimentos levados às autoridades do País, chega o momento de deflagrar-se o relançamento das Campanhas *Viver em Família, Em Defesa da Vida e Construamos a Paz Promovendo o Bem!*, nos termos definidos em reunião do Conselho Federativo Nacional, realizada na FEB, em Brasília, aos 21 de novembro de 2004. Os membros do CFN aprovaram a reativação das Campanhas *Viver em Família e Em Defesa da Vida*, de maneira conjunta, no País, com o objetivo de estimular o aprofundamento de temas sobre a família e a

defesa da vida, na visão espírita. Ofereceram, também, opções para melhor operacionalizar essas Campanhas, estimulando-se o intercâmbio entre as Federativas e Associações Especializadas. Em seqüência, considerando que a Campanha *Construamos a Paz Promovendo o Bem!* reflete o modelo de difusão da Paz oferecido pela Doutrina Espírita à Humanidade, o Conselho Diretor da FEB decidiu que essas três Campanhas “compõem o grupo de campanhas que sintetizam a prestação de serviço social à comunidade, que cabe ao Movimento Espírita realizar, e devem ser trabalhadas integralmente”.

Materiais das Campanhas

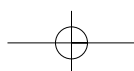
Ao ensejo da integração das três campanhas, realizou-se a atualização e a ampliação do opúsculo *Campanha Viver em Família.*

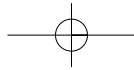
Subsídios para sua implantação e desenvolvimento (Edição FEB/CFN, 1994), o qual serviu de base para o desenvolvimento da Campanha. Todavia, para facilitar a utilização isolada de temas específicos de ca-



FAMÍLIA, VIDA E PAZ

Família, Vida e Paz traz subsídios para as Campanhas *Viver em Família, Em Defesa da Vida e Construamos a Paz Promovendo o Bem!*: Histórico das Campanhas, Objetivos das Campanhas, Fundamentação Doutrinária das Campanhas, Temário e Bibliografia das Campanhas e Sugestões para o Desenvolvimento das Campanhas.





da campanha, eles são apresentados separadamente, seguidos de uma bibliografia. São referências que certamente não contemplam todas as publicações espíritas, nem mesmo as obras publicadas pela FEB, mas que servem de orientação doutrinária básica para as discussões e reflexões sobre os temas. O livro *Família, Vida e Paz* contempla informações sobre: Histórico das Campanhas, Objetivos das Campanhas, Fundamentação Doutrinária das Campanhas, Temário e Bibliografia das Campanhas e Sugestões para o Desenvolvimento das Campanhas. Além deste livro de fundamental importância para a implementação das três Campanhas, a FEB está disponibilizando cartazes e opúsculos que contêm mensagens

sobre os principais itens das Campanhas.

O papel das Federativas Estaduais

As Entidades Federativas Estaduais têm efetivas experiências para oferecer ao Movimento Espírita, como fruto do trabalho realizado ao longo dos últimos anos em favor da divulgação dessas Campanhas. Considerando essas contribuições, o novo livro *Família, Vida e Paz* sintetiza, em um só documento, subsídios capazes de enriquecer e orientar ações de divulgação, as quais mobilizam todos os departamentos ou áreas para um trabalho conjunto. Os temas relacionados no citado livro extrapolam

as faixas etárias, os grupos de estudo, as áreas de trabalho, ensejando, assim, esforço unificado. As Entidades Federativas Estaduais, os órgãos regionais de unificação e as instituições espíritas poderão aproveitar e dinamizar as Sugestões para o Desenvolvimento das Campanhas, relacionadas na referida publicação.

Cabe às Entidades Federativas Estaduais a responsabilidade de oferecer subsídios, apoio e acompanhamento às entidades espíritas do Estado, fazendo chegar em cada instituição as três Campanhas. ■

Informações: Secretaria Geral do CFN, FEB – Brasília; página eletrônica da FEB: <http://www.febnet.org.br>

CAMPANHA EM DEFESA DA VIDA

Aborto

Questão 357. *Que conseqüências tem para o Espírito o aborto?*

"É uma existência nulificada e que ele terá de recomeçar."

Questão 358. *Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?*

"Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando."

Questão 360. *Será racional ter-se para com um feto as mesmas atenções que se dispensam ao corpo de uma criança que viveu algum tempo?*

"(...) Por que não respeitar as obras da criação, algumas vezes incompletas por vontade do Criador? Tudo ocorre segundo os seus desígnios e ninguém é chamado para ser seu juiz."

(O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, 1. ed. especial, FEB.)

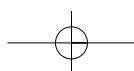
Eutanásia

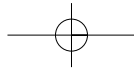
Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura?

Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito pouparem-se-lhe alguns instantes de angústias, apressando-se-lhe o fim?

Quem vos daria o direito de prejulgar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir o homem até à borda do fosso, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimentar idéias diversas das que tinha? Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira. A Ciência não se terá enganado nunca em suas previsões? (...)

(O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. V, item 28, 1. ed. especial, FEB.)





A educação como solução para os desafios do progresso humano

Licurgo Soares de Lacerda Filho

“Educai as crianças e não será preciso punir os homens.”

Pitágoras

Muitos são os que crêem e professam que a educação cultural e informativa é a única que resulta no progresso humano, em sua forma mais ampla. Nós discordamos, em parte; a educação cultural e informativa realmente tem sua importância na formação das pessoas; contudo, em nosso entendimento, se pretendemos um progresso efetivo, constante, e essencialmente compartilhado com todas as classes sociais, o principal mecanismo para alcançá-lo é a educação moral dos seres.

A evolução dos sistemas educacionais deu-se como acontece em toda evolução sistêmica; surgiu por meio de processos rudimentares, que depois foram sendo aperfeiçoados até resultarem nos métodos atualmente utilizados. Para se ter uma idéia da demora no aperfeiçoamento de tais sistemas, até o final do primeiro século da Idade Contemporânea, aproximadamente no ano 1900, a educação de indivíduos era abertamente elitista e as oportunidades de aprendizado, para os menos favorecidos, pratica-

mente nulas. Quando existiam, dependiam normalmente da ação de grupos religiosos.

Desde a remota Antiguidade a questão da educação já incomodava os grandes filósofos. Em meio às suas ilações filosóficas eles buscavam alcançar o melhor método de transferência do conhecimento racional, ou seja, as melhores formas de realizar a educação. Assim ocorreu com os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles.

Deste modo, foi evoluindo o pensamento acerca da melhor maneira de educar os indivíduos.

Durante a Idade Moderna, o filósofo humanista holandês Desiderius Erasmus Roterodamus, o Erasmo de Rotterdam, orientava para que se utilizasse a educação moral na formação dos educandos.

Mais à frente, surgiu o professor e pastor protestante, oriundo do Reino da Boêmia, Jan Amos Komensky, conhecido entre nós como Comenius.

Comenius propunha uma mudança radical nos ortodoxos sistemas de então; para ele, tudo deveria ser ensinado a todos, independentemente da condição social ou do sexo. Também insistia que todo ensino deveria ser acompanhado da demonstração prática, buscando as causas e focando os princípios gerais.

O professor foi seguido em seu

ideal por outro educador, o filósofo francês François de Salignac de La Mothe, o duque de Fénelon.

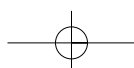
O pensamento de Fénelon, que valorizava a educação como um meio de tornar os seres mais justos e humanos, influenciou o também filósofo francês Jean-Jacques Rousseau.

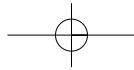
Rousseau, demonstrando sintonia com a filosofia de seu antecessor, pregava “(...) *que a verdadeira finalidade da educação é ensinar a criança a viver e a aprender a exercer a liberdade*”.

Muitos se interessaram pelo trabalho de Rousseau; apesar disso, poucos conseguiram colocá-lo em ação como o educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi.

O método de ensino de Pestalozzi até hoje desafia os educadores. Há uma enorme dificuldade em reproduzi-lo, já que ele pregava que cada um deve aprender dentro de seu ritmo, sem memorizações ou apressamentos. Ele demonstrava que a tarefa dos mestres é a de exemplificar ensinando, para que sejam formados adultos nobres, moralmente conscientes e socialmente responsáveis.

Pestalozzi, por sua vez, conseguiu despertar o senso moral-educativo de seu discípulo, o professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail. >





Hippolyte viveu e exemplificou o que aprendera no Instituto de Educação Pestalozzi – o que certamente já conhecera e vivenciara em vidas anteriores.

Adotou métodos de ensino que alcançaram as classes não favorecidas pela educação institucional e acrescentou um componente que revoluciona almas e as torna em seres mais afáveis: a educação moral; não aquela moral aparente, que considera apenas as crenças e valores individuais, mas a moral coletiva, que respeita os seres e a eles dá oportunidades de progresso.

Depois, quando Hippolyte adotou o pseudônimo Allan Kardec e passou a intermediar o ensino dos Espíritos Superiores que objetivavam a elucidação das mentes sedentas pelo verdadeiro entendimento, o alcance de seu trabalho tornou-se ainda maior, e os educandos passaram a ser toda a Humanidade, encarnada e desencarnada.

Em suas obras fica claro que a função precípua da Doutrina Espírita é a educação moral, que transforma, melhorando os seres.

Quando é bem entendido, o Espiritismo nos coloca na condi-

ção de aprendizes, e, por mais antagonico que possa parecer, ao mesmo tempo de educadores. Pois a partir do momento em que conhecemos verdadeiramente a Doutrina Espírita, passamos a enxergar a importância de nos educarmos moralmente para também transformarmos os indivíduos que caminham conosco nesta jornada de evolução. Conseqüentemente, a somatória de indivíduos transformados moralmente resulta em uma sociedade mais justa, equânime, menos materialista e mais compartilhadora dos recursos disponíveis. ■

Na escola

A Terra é uma grande e abençoada escola, em cujas classes e cursos nos matriculamos, solicitando – quando já possuímos a graça do conhecimento – as lições necessárias à nossa sublimação.

Todas as matérias que constituem o patrimônio do educandário, se aproveitadas por nossa alma, podem conduzir-nos aos resultados que nos propomos atingir.

Não existe, porém, ensinamento gratuito para a comunidade dos aprendizes.

Cada aquisição tem o preço que lhe corresponde.

A provação da riqueza é sedutora, mas repleta de perigos cruéis.

A passagem na pobreza é simples e enternecedora; contudo, oferece tentação permanente ao extremo desespero.

O estágio na beleza física é fascinante; entretanto, mostra escuros abismos ao coração desaviado.

A demora no poder é expressiva; todavia, atrai dificuldades infernais, que podem comprometer-nos o futuro.

O ingresso na cultura da inteligência favorece a posse de verdadeiros tesouros; no entanto, nesse setor, o orgulho e a vaidade representam impertinentes verdugos da alma.

A estação de calma na vida familiar é tempo doce e agradável ao espírito, mas, aí dentro, no oásis do carinho, o monstro do egoísmo pode enganar-nos o coração.

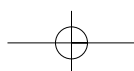
Em qualquer parte onde estiverdes, acordai para o bem!...

Recordai que o ouro e a intelectualidade, os títulos e as honras, as aflições e os sofrimentos, as poses e os privilégios são meros acidentes no longo e abençoado caminho evolutivo.

Lembra-vos de que a vida é a eternidade em ascensão e não vos esqueçais de que, em qualquer condição, só no cultivo do amor puro conseguireis edificar para a vitoriosa imortalidade.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Correio Fraternal*. Por Diversos Espíritos. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 53, p. 124-125.



ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Sempre vivos

“Ora, Deus não é de mortos, mas, sim, de vivos. Por isso, vós errais muito.”

– JESUS (Marcos, 12:27.)

Considerando as convenções estabelecidas em nosso trato com os amigos encarnados, de quando em quando nos referimos à vida espiritual utilizando a palavra “morte” nessa ou naquela sentença de conversação usual. No entanto, é imprescindível entendê-la, não por cessação e sim por atividade transformadora da vida.

Espiritualmente falando, apenas conhecemos um gênero temível de morte – a da consciência denegrada no mal, torturada de remorso ou parálitica nos despenhadeiros que marginam a estrada da insensatez e do crime.

É chegada a época de reconhecermos que todos somos vivos na Criação Eterna.

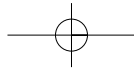
Em virtude de tardar semelhante conhecimento nos homens, é que se verificam grandes erros. Em razão disso, a Igreja Católica Romana criou, em sua teologia, um céu e um inferno artificiais; diversas coletividades das organizações evangélicas protestantes apegam-se à letra, crentes de que o corpo, vestimenta material do Espírito, ressurgirá um dia dos sepulcros, violando os princípios da Natureza, e inúmeros espiritualistas nos têm como fantasmas de laboratório ou formas esvoaçantes, vagas e aéreas, errando indefinidamente.

Quem passa pela sepultura prossegue trabalhando e, aqui, quanto aí, só existe desordem para o desordeiro. Na Crosta da Terra ou além de seus círculos, permanecemos vivos invariavelmente.

Não te esqueças, pois, de que os desencarnados não são magos, nem adivinhos. São irmãos que continuam na luta de aprimoramento. Encontramos a morte tão-somente nos caminhos do mal, onde as sombras impedem a visão gloriosa da vida.

Guardemos a lição do Evangelho e jamais esqueçamos que Nosso Pai é Deus dos vivos imortais.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Pão Nosso*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005, cap. 42, p. 97-98.



Pensamentos: instrumento para a evolução humana

Rodrigo Machado Tavares

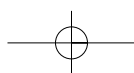
Pensamentos? Quando pensamos em pensamentos, os nossos pensamentos voam alto. E foi de fato proposital essa repetição da palavra pensamento, para que possamos refletir, desde o início deste simples artigo, em sua importância para as nossas vidas. É um assunto tão complexo e ao mesmo tempo tão fascinante, que desde que o homem iniciou a sua digressão filosófica no orbe terrestre, sempre se preocupou em abordá-lo. A História nos prova isso: “Onde eu estiver, os meus pensamentos estarão também”, já sabiamente dizia Sócrates. Ou ainda, evocando René Descartes, na sua ilustre afirmativa: “Penso, logo existo.”

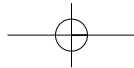
E como tudo na criação divina evoluiu, o homem então vê surgirem teorias, conceitos, modelos, etc., que objetivaram compreender e analisar os pensamentos na busca de melhor entender o ser humano. É então que em meados do século XIX surge a Psicologia como uma ciência oficialmente reconhecida, a qual ajudou muito, também, nessa busca de entendimento entre a relação homem–pensamento. Contu-

do, foi somente a partir da Doutrina dos Espíritos, também no século XIX, que o pensamento recebeu uma abordagem mais real; isto é, foi com a Terceira Revelação que o homem teve a oportunidade de desvendar ainda mais, e de uma forma jamais dantes imaginada, os “enigmas” da relação existente entre o homem e os pensamentos, e conseqüentemente a influência que esses têm em sua jornada evolutiva. Isto porque a Doutrina Espírita analisa o Espírito em primeiro lugar e sua relação com o mundo corpóreo. Emmanuel, em *Pão Nosso*, psicografado pelo nosso irmão inesquecível Chico Xavier, afirma que “pensar é criar”. Ou ainda, no mesmo livro, quando diz que “todas as obras humanas constituem a resultante dos pensamentos das criaturas”, mostra-nos claramente a grandeza que os pensamentos possuem em nossas vidas e conseqüentemente para a nossa evolução. Mas antes de adentrarmos especificamente na relação *pensamento–evolução*, surge uma pergunta: De onde vêm os pensamentos? Ora, para responder tal pergunta, é mister fazer breves considerações sobre o cérebro humano.

O cérebro humano, órgão do sistema nervoso central que chega a pesar em média 1kg e 300g, contém

em torno de 75 bilhões de neurônios, ou seja, células nervosas. Ele também é responsável pelo consumo de 25% do oxigênio absorvido pelo corpo; em outras palavras, para que ele possa trabalhar, necessita de 1/4 de todo oxigênio que está dentro dos nossos corpos. O cérebro apresenta 38 tipos de enzimas (*i.e.*, os famosos neurotransmissores, tais como: serotonina, endorfina, etc.). Além de tantas outras funções vitais. Em suma, o cérebro humano constitui-se num verdadeiro arcabouço complexo de inúmeras reações de várias naturezas (*i.e.*, bioquímicas, eletroquímicas, etc.). E por ser tão complexo e tão importante, muitos materialistas do passado defendiam hipóteses semelhantes nas quais afirmavam que os pensamentos vinham do cérebro. (Uma análise mais detalhada sob o ponto de vista espiritual nos é dada na riquíssima obra de Gabriel Delanne, só para citar nomes). Outros chegaram ao absurdo de concluir que os pensamentos eram secreções do cérebro. Mas como tudo evoluiu, novas pesquisas foram desenvolvidas e novas concepções foram apresentadas. E a que “ficou” dentro do contexto materialista e ainda hoje aceita é a de que os pensamentos são frutos da mente. Ou seja, os pensamentos não são secreções do

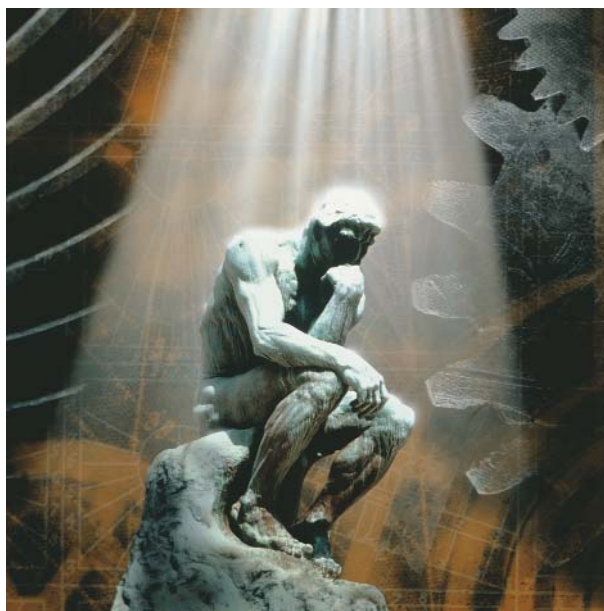




cérebro, mas sim produtos da mente humana. Entretanto, até hoje, início do século XXI, entre a comunidade acadêmica, o conceito de mente não é muito claro. Se perguntarmos a um materialista o que é mente, ele irá responder certamente que a mente é responsável pelos pensamentos, entretanto não irá responder especificamente o que de fato a mente é.

Então “pensemos” de forma lógica, como nos sugere o bom senso do Cristianismo redivivo. Se os pensamentos vêm da mente, logo a mente pensa! Se a mente pensa, a mente é pensante. Se é pensante, ela raciocina, ou seja, é inteligente. E bem sabemos, em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec (vide Parte Primeira, capítulo IV, Do Princípio Vital, item 71 – “Inteligência e Instinto”), que a inteligência é um atributo do Espírito. O termo nada mais é do que um termo científico que os materialistas utilizam para não aceitar a existência do Espírito. Portanto, respondendo à pergunta, de onde vêm os pensamentos?, os pensamentos vêm da mente, isto é, do Espírito. O Espírito é o responsável pelos pensamentos. O cérebro, por sua vez, é apenas um instrumento físico para processá-los, quando o Espírito está encarnado. Em outras palavras, o cérebro constitui-se num dispositivo material necessário para esse processo de codificação dos pensamentos, enquanto o Espírito se encontra temporariamente como alma (*i.e.*, Espírito encarnado). Contudo, quando não somos mais alma, ou seja, quando o Espírito não se encontra mais

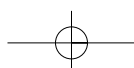
no corpo material (*i.e.*, Espírito desencarnado), obviamente, continuamos a pensar, todavia sem o uso do cérebro. Isto porque o mundo material é uma cópia imperfeita do mundo espiritual, e dessa forma, quando desencarnados não precisamos mais de um cérebro para processar os nossos pensamentos. Processamos os mesmos através do fluido cósmico (*i.e.*, fluido universal, éter universal, etc.). Pois tudo é energia. Tudo no Universo é energia. O que muda são os estados de condensação

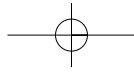


dessa energia; desse elemento primitivo. Tudo é energia, sem exceção. A própria matéria, nada mais é do que uma variação de energia; daí o conceito de relatividade. A matéria é a energia condensada. Daí surge a idéia conclusiva e real de que os pensamentos estão aqui, ali e alhures: em todos os lugares.

Dessa forma, quando nos perguntamos – onde estão os pensamentos? – podemos responder, sem hesitação, que estão no infinito. E isso, indubitavelmente, nos remete

à idéia do todo. O todo é o Universo infinito, o qual está além de nossa vã compreensão humana. Portanto, não foi sem razão que o ilustre missionário Einstein afirmou, certa feita, que “o materialismo está morrendo por falta de matéria”. E é de fato uma grande verdade. Ele, ao formular a sua famosíssima teoria da relatividade, revolucionou a ciência mecanicista e pragmática (*i.e.*, materialista), dando também um cunho filosófico e metafísico essencial para a compreensão de que o mundo é tão complexo e que a realidade material é apenas uma pequena parte do todo. Ao dizer que a energia é igual a massa (a qual é uma propriedade da matéria) vezes a velocidade da luz elevada à segunda potência, mostra científica e claramente que a matéria não é a causa das coisas, e sim o resultado de algo mais, isto é, de uma energia cósmica. E o que vai ao encontro do Espiritismo, pois a Ciência quando estudada a sério, sem os preconceitos materialistas e/ou interesses mesquinhos e pessoais, tende a convergir para a verdade (*i.e.*, a lei divina) que é uma só proclamada pelo Espiritismo. Eis por que tantas personalidades ilustres da atualidade, só para citar alguns e sem nos referir a inúmeros do passado, Steve Hopkins, Carl Sagan, Robert Holden entre outros, os quais não são espíritas e nem espiritualistas na concepção da palavra, vêm nos trazendo em suas obras idéias que vão ao encontro do que já é pregado pela Ciência dos Espíritos, tais como: a pluralidade dos mundos habitados, a complexidade





da vida, a quarta dimensão, entre outras. Isto porque “a verdade é como o Sol, onde um eclipse pode ocultar o seu brilho temporariamente”, mas jamais tirá-lo para sempre. E isso está acontecendo nos tempos atuais; os tempos são chegados e a Humanidade marcha cada vez mais para uma maturidade intelectual-moral que indubitavelmente nos irá conduzir a essa verdade única da criação divina.

Portanto, voltando aos pensamentos, percebemos que os pensamentos não são abstratos; eles são tangíveis. Eles são matéria também, pois são energia condensada. Tudo é relativo. E por isso vemos que os mesmos, apesar de não podermos ver, dada a nossa situação rudimentar, nós os sentimos. Eles nos influenciam constantemente, pois estão conosco 24 horas em todos os lugares. Isso fica muito bem explicado em duas obras específicas do Pentateuco espírita, a saber: *O Livro dos Espíritos* (Parte Segunda, capítulo IX “Da Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal”, primeiros dois itens) e em *A Gênese* (no capítulo XIV, que aborda “Os fluidos”). Em essência, por exemplo, o planeta Terra é um oceano de pensamentos. Estamos imersos em frequências dos mais diferentes valores, haja vista que os pensamentos são campos eletromagnéticos (*i.e.*, uma forma de propagação de energia). Tudo é onda. E se levarmos em conta que a população terrestre é em torno de 6 bilhões de Espíritos e que a população de Espíritos desencarnados é algo além de 3 vezes essa quantidade (mais de 20 bilhões de Espíritos desencarnados)*, começamos a ter uma peque-

na idéia do quão importante os pensamentos são; do tanto que eles nos influenciam direta e/ou indiretamente, pois conforme esses números, temos mais de 26 bilhões de Espíritos pensando constantemente aqui, ali e alhures nas mais variadas frequências de ondas eletromagnéticas e diversos teores fluidicos. Não foi à toa que o Mestre Jesus nos exortou: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação.” (Mateus, 26: 41.) Pois Ele já atentava na importância que os pensamentos têm em

**Pensamento é força
que atrai bons
Espíritos ou maus
Espíritos. Tudo vai
depende de nosso
livre-arbítrio**

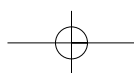
nossas vidas e conseqüentemente em nossa evolução, pois eles estão em todos os lugares e vamos atrair pensamentos afins com os nossos de acordo com o que quisermos, pois que a lei de liberdade é uma lei divina (*O Livro dos Espíritos*, Parte Terceira, capítulo X – “Da lei de liberdade”, item Liberdade de pensar).

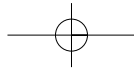
Então começa a ficar cada vez mais claro que os pensamentos influenciam nossa conduta constantemente. E foi por isso que o Mestre Jesus, com a sua misericórdia, nos enviou sempre mensageiros para nos lembrar deste aspecto tão

sutil e importante. E foi desta forma que Paulo de Tarso, o maior difusor do Cristianismo puro, em sua carta aos Filipenses (4:8) falava: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude e se há algum louvor, nisso pensai.” Paulo nos remete claramente à importância do policiamento de nossos pensamentos; e que devemos sempre buscar colocar em nossa tela mental coisas boas, pensamentos positivos pois dos mesmos emanam bons fluidos e boas energias dando-nos força para viver. Pensamento é força que atrai bons Espíritos ou maus Espíritos. Tudo vai depender de nosso livre-arbítrio. De fato, somos como estações de rádio: sintonizamos com tudo aquilo que quisermos. Se pensarmos em coisas negativas, automaticamente iremos atrair coisas negativas, é a lei de causa e efeito. E muitas obsessões começam a partir daí. Às vezes os obsessores não fazem isso nem por mal, mas por ignorância. Os Espíritos ociosos no Plano Espiritual obviamente irão procurar companhias desencarnadas e encarnadas que compartilhem das mesmas idéias; é algo natural. E aí é que entra a importância de nossa vigilância constante. Pois assim como há os Espíritos ignorantes, também existe uma outra gama de Espíritos, incluindo os nossos desafetos do passado e até mesmo do presente, que estão sempre à espera de uma única oportunidade para então atuar contra nós. E é por isso que a reforma íntima é tão fundamental para o nosso crescimento espiritual. Tudo começa de fato em

* Ver *Roteiro*, pelo Espírito Emmanuel, psico-

grafado por Francisco C. Xavier, capítulo “O Grande Educandário”, Ed. FEB.





nosso mundo interior. Da mesma forma que atraímos os irmãos menos esclarecidos, podemos atrair Espíritos bons que também querem evoluir. Espíritos que querem nos ajudar em nosso vôo espiritual. Tudo depende da sintonia.

E o espírita, por sua vez, tem o dever de sempre buscar pensar cada vez melhor. O espírita convicto é otimista, ou pelo menos procura ser. Os bons pensamentos, sem dúvida alguma, são um instrumento para a nossa evolução. Busquemos sempre pensar nisso. Busquemos, pois, cada vez mais nos conhecer melhor, como já recomendava Sócrates (“conhece-te a ti mesmo”) a fim de que possamos verificar como é que estamos conduzindo os nossos pensamentos. E aí começaremos a ver que muitas coisas que acontecem em nosso dia-a-dia podem ser frutos de como nós estamos pensando. A nossa evolução moral e espiritual depende de uma mudança psíquica (a reforma íntima).

O Espiritismo, essa fonte rica de conhecimentos, é uma oportunidade ímpar para todos nós andarmos em comunhão com o bem. Os livros espíritas nos facilitam essa marcha. E mais especificamente, no que diz respeito aos pensamentos, a série psicológica de Joanna de Ângelis, os livros de André Luiz, e tantos outros, sem jamais esquecer da pedra fundamental, o Pentateuco, são recursos fortes para que possamos sempre estar sintonizados com o Alto. A partir do momento que melhoramos nossos pensamentos, melhoramos gradativamente de conduta e conseqüentemente começamos a andar mais em linha reta na direção da porta estreita do bem. Quando melhoramos os teo-

res de nossos pensamentos, com sentimentos positivos e bons, fazemos uma higienização mental que influencia nosso corpo e nossa alma. E o mundo se torna mais bonito; não porque o mundo tenha mu-

dado, mas porque nós começamos a mudar intimamente e o nosso viver se tornará mais fácil.

Pensamento é força; pensamento é energia. Pensemos nisso sempre! ■

Encontro de Magistrados Espíritas



Aspecto da Mesa na Sessão de Abertura do Encontro

Realizou-se, com sucesso, em Goiânia (GO), de 7 a 10 de setembro, o III Encontro Nacional dos Magistrados Espíritas, tendo comparecido cerca de 200 magistrados de todo o País, entre Juízes, Desembargadores e Ministros dos Tribunais Superiores.

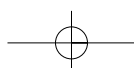
A palestra inaugural foi proferida, no Auditório do Egrégio Tribunal de Justiça, por Divaldo Pereira Franco, sob o tema: *Espiritismo e Direito no Século XXI*.

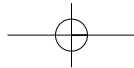
O público – cerca de 800 pessoas –, contava com a presença de inúmeras autoridades. Entre elas, o Presidente do Tribunal de Justiça, Des. Jamil Pereira de Macedo, o Presidente da ASMEGO, Des. Kisleu Dias Maciel Filho, o Ministro Paulo Costa Leite, Vice-Presidente

da ABRAME, e o Ministro Edson Vidigal, Presidente do Superior Tribunal de Justiça.

Do Movimento Espírita estavam presentes o representante da FEB, Norberto Pásqua, o representante da FEEGO, Weimar Muniz de Oliveira, além do Presidente da ABRAME, Zalmir Zimmermann, e de outras autoridades.

Os painéis e as palestras foram realizados exclusivamente por magistrados, nos dias 8 e 9, na sede da ASMEGO, e envolveram temas de grande interesse, destacando-se entre eles: *Aborto – Direito ou Delito?; Efeitos Espirituais do Abortamento; Espiritualização do Direito e da Justiça; O Espiritismo e o Direito Natural; O Juiz Espírita e a Função de Julgar*. ■





Léon Denis e sua conferência *O Progresso pela Liga do Ensino*

Eduardo Carvalho Monteiro

Em 1872, após a guerra franco-prussiana, retoma-se a idéia de impulsionar o ensino laico na região tourangense onde Léon Denis vivia, criando-se então o *Círculo Tourangense da Liga do Ensino* “a fim de propagar a Instrução por todos os meios possíveis”. Estavam entre seus objetivos: “(...) estimular a instrução do povo nos locais desprovidos de escolas; concorrer, através da doação de livros, por meio de subvenções especiais, para a criação de cursos de adultos e de bibliotecas populares”.¹ Léon Denis engajou-se no movimento, tornando-se secretário-geral do *Círculo*.

Tratava-se, a *Liga*, de um movimento de intelectuais conscientes com seu dever social, sem qualquer entrave burocrático, com o objetivo de dotar a França de um ensino laico e gratuito, consagrando a independência do Estado e da sociedade em relação à Igreja.

Nos anos seguintes, Denis foi companhia constante de Jean Macé, o fundador da *Liga*, nos *Círculos Regionais* onde houvesse uma Biblioteca sendo formada, o que levou Macé a valorizar a amizade e o valor do Secretário Léon Denis. Sua palavra fazia vibrar os auditórios para os quais expunha suas idéias.

“Juntos, visitaram *Château-Renault, Langeais, Bourgueil, Ri-*

chelieu, Loches, no Departamento de Indre-et-Loire, depois outras cidades dos Departamentos vizinhos: Jaulnay-Clan, no Departamento de Vienne, Orléans, Angers, Le Mans, Nantes, etc.”¹

Léon Denis provocou os seguintes comentários do jornal *L’Avenir du Loire*, de 27 e 28 de dezembro de 1880: “Conferencista de primeira ordem, escreve-se, palavra fácil, expressões escolhidas, períodos brilhantes e claros, além disso, demonstra uma ciência profunda e um conhecimento incontestável das coisas e dos lugares, graças às numerosas viagens que são a sua paixão.

Conferencista de grande mérito, apregoa-se, ele sabe cativar seu auditório e, com sua palavra ardente e colorida, as mais árduas questões adquirem um encanto inesperado.

*Ele sabe como despertar um grande interesse no auditório, porque os temas que escolhe são tratados com uma encantadora elevação de pensamento, numa linguagem muito honesta e muito pura, à qual certos conferencistas ainda crêem que não devem se submeter, esquecendo que só é possível instruir eficazmente com expressões e frases apresentadas de forma simples.”*¹

Também o *L’Union Libérale*

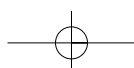
de 1ª e 2 de março de 1880, elogia o orador Denis: “O Sr. Denis possui as qualidades que o tornam um orador: erudição profunda, memória prodigiosa, elegância de forma, harmonia de períodos, sobriedade de gestos e, acima de tudo, a presença, que torna sua eloquência particularmente comunicativa e conquista logo a simpatia do auditório.”¹

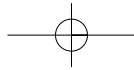
O biógrafo de Léon Denis, Gaston Luce², descreve e comenta sua trajetória como orador: “Como secretário-geral do *Círculo da Liga do Ensino, em Tours, vemo-lo realizar uma série de grandes conferências nas cidades do Oeste: Tours, Le Mans, Angers, Nantes, Poitiers, etc.*

Os assuntos que Denis escolhia lhe permitiam abordar a questão que ele desejava, mas que não podia ainda tratar livremente, mas é preciso, entretanto, levar em conta as dificuldades que um tal empreendimento apresenta. Sob o patrocínio da Liga nem seria possível pensar nisso.

Limita-se, então, a desenvolver temas gerais de História: A República Americana, Astronomia Popular, As Terras do Espaço, Os Universos Distantes, etc.

Em sessões privativas, ele trata de assuntos mais específicos, tais co-





mo: *O Mundo e a Vida, Os Problemas Morais e Religiosos, etc.*

Em 1880, proferia uma de suas primeiras grandes conferências: ‘O Progresso’. Fala sucessivamente em quatro cidades diferentes: Tours, Bourgueil, Château-Renault e Orléans. Esta brilhante palestra, de um alto teor literário, bem composta, foi publicada num opúsculo, no mesmo ano, a pedido de seus numerosos ouvintes.”¹

Por longos anos temos procurado esse famoso opúsculo em bibliotecas e alfarrábios da França, para trazer à nossa geração integralmente esse texto magnífico de Léon Denis de que falam esses críticos da época e não o encontramos. Em recentes pesquisas que fizemos, no entanto, na Biblioteca *Saint-Geneviève*, em Paris, garimpamos um excerto da conferência no *Jornal Le Messager*, de janeiro de 1881, que reproduzimos a seguir. A tradução é de Emília dos Santos Coutinho.

“O tema da conferência é muito vasto e muito rico para não ser exposto sob diferentes aspectos. Esta exposição do Progresso sob muitos pontos de vista que M. Denis compilou com seu talento de conferencista memorável.

O Orador definiu de início o PROGRESSO; ele mostra que o Progresso é a inspiração em direção ao melhor, ao belo, ao bem; que esta aspiração é natural entre os homens, independente de seu livre-arbítrio. Uma bela alegoria conclui este primeiro capítulo.

O capítulo seguinte nos mostra o Progresso através das idades.

A civilização inicia no Oriente, atravessa as Índias, a Pérsia, a Assíria, o Egito, depois pela Grécia onde ela alcança o ponto culminante. De lá a bandeira da civilização passa pelos romanos, mas sua preponderância se esvai desde que o vício e a corrupção invadem o Império; seguindo a invasão dos Bárbaros, época onde começa para a humanidade uma parada de 12 séculos na marcha do Progresso.



Léon Denis

O conferencista retrata os sofrimentos do povo durante a Idade Média, até o momento onde os pensadores, morrendo na fogueira ou pelos mais apavorantes suplícios, fazem eclodir a Reforma. Mais adiante uma grande impulsão dada ao Progresso, Gutenberg inventa a Imprensa. O orador se detém na Revolução de 1789, a última grande etapa da civilização.

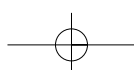
No terceiro capítulo, o orador aborda o Progresso político; ele de-

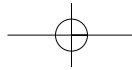
monstra pelo exemplo da França como a República Democrática, na forma mais racional da liberdade, é própria para levantar o moral de toda uma nação e a formar bons cidadãos; ele trata em seguida da questão do Progresso Social, onde a marcha teria dado um passo de gigante se as fortunas da terra soubessem compreender que a associação da classe operária à exploração do capital é um dos mais seguros meios de conservar a paz interior e exterior; se eles preconizassem o aumento incessante de escolas para o povo, o estabelecimento de instituições de previdência, de mutualidade, etc.

O progresso religioso, um dos pontos mais importantes, é tratado mais longamente. O orador faz sobressair o antagonismo das religiões existentes, suas lutas incessantes contra o Progresso, a razão, a ciência, e conclui pelo futuro da religião natural que deve conduzir o homem em direção à perfeição.

O Progresso na imortalidade, tal é o título do último capítulo desta interessante conferência. Léon Denis fez o leitor assistir às etapas sucessivas que o homem deve percorrer sobre esta Terra, e ele termina seu brilhante discurso pelas palavras seguintes que nós gostaríamos de reproduzir.

Homem, meu irmão, tem fé em teu destino porque ele é grande. Possa, nas vastas perspectivas que ele abre a teu pensamento, fornecer-te a energia necessária para afrontares os ventos e as sombras do mundo. Marcha, valente lutador, sobe a ladeira que conduz aos cimos que se chamam virtude, dever, sacrifício. >





Não pares no caminho para colher as florzinhas da moita, para jogar com os pedregulhos dourados. Sempre em frente, sempre.

Vê nos céus esplêndidos estes astros brilhantes, estes sóis inumeráveis animando nas suas evoluções prodígios, brilhantes comitivas de planetas.

Quantos séculos terão sido necessários para a sua formação? Quantos séculos serão necessários para dissolvê-los?

E bem, um dia virá onde todos os fogos serão acesos, onde estes mundos gigantescos desaparecerão para dar lugar aos globos novos, a outras famílias de astros emergindo das profundezas. Nada do que hoje se vê existirá mais. O vento dos espaços não terá jamais varrido a poeira destes mundos usados; mas tu, tu viverás sempre, perseguindo a marcha eterna no seio da Criação sem cessar renovada. Que serão então para tua alma apurada, engrandecida, as sombras e os pesares do presente? Acidentes efêmeros de nosso curso, eles não deixarão mais no fundo de nossa memória senão tristes e doces lembranças. Diante dos horizontes infinitos da imortalidade, os males do passado, as provas sustentadas serão como uma nuvem fugitiva no meio do céu sereno.

Restringe então ao seu justo valor as coisas da Terra. Não as desprezes sem dúvida, porque elas são necessárias a teu progresso, e tua obra é contribuir para seu aperfeiçoamento; e em te aperfeiçoando a ti mesmo, mais está ligada exclusivamente a tua alma, e procura diante de tudo os ensinamentos que eles contêm. Graças a eles tu compreenderás que o objetivo da

vida não é a alegria nem a tristeza, mas o desenvolvimento, por meio do trabalho, do estudo, do cumprimento do dever desta alma, desta personalidade que reencontrarás do lado de lá do túmulo que tu a terás feito por ti mesmo no curso desta existência terrena.” ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹LUCE, Gaston. *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo. Sua Vida, Sua Obra*. Tradução José Jorge. 2. ed. Ed. CELD, “O Conferencista da Liga do Ensino”, p. 103-114.

²Gaston Luce (1880-1965) Militar, escritor

e educador, perdeu o braço em batalha em 1915, ferimento este que lhe provocou muitos sofrimentos estoicamente suportados. Foi fundador do SANS-TABAC, associação dos veteranos de guerra de seu Regimento, 66^o. Psicólogo escolar, foi muito estimado por seu amor às crianças e jovens, simplicidade e humildade. Fez parte da Escola do Loire ao lado de outros conceituados escritores como René Boylesve, Jacques-Marie Rougé, Louis Chollet, Foulon de Vaux e com muito sentimento ele cantou as belezas de Touraine e do Vale do Loire através de poemas premiados pela Academia Francesa. Luce fundou a Sociedade Tourangense de Estudos Metapsíquicos, foi oficial da Legião de Honra e portador da láurea da Cruz de Guerra 14-18. Desencarnou em 13 de janeiro de 1965.

Alma e evolução

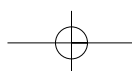
A alma contém, no estado virtual, todos os germens dos seus desenvolvimentos futuros. É destinada a conhecer, adquirir e possuir tudo. Como, pois, poderia ela conseguir tudo isso numa única existência? A vida é curta e longe está a perfeição! Poderia a alma, numa vida única, desenvolver o seu entendimento, esclarecer a razão, fortificar a consciência, assimilar todos os elementos da sabedoria, da santidade, do gênio? Para realizar os seus fins, tem de percorrer, no tempo e no espaço, um campo sem limites. (...)

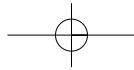
O objetivo da evolução, a razão de ser da vida não é a felicidade terrestre, como muitos erradamente crêem, mas o aperfeiçoamento de cada um de nós, e esse aperfeiçoamento devemos realizá-lo por meio do trabalho, do esforço, de todas as alternativas da alegria e da dor, até que nos tenhamos desenvolvido completamente e elevado ao estado celeste. Se há na Terra menos alegria do que sofrimento, é que este é o instrumento por excelência da educação e do progresso, um estimulante para o ser, que, sem ele, ficaria retardado nas vias da sensualidade. A dor, física e moral, forma a nossa experiência. A sabedoria é o prêmio.

Pouco a pouco a alma se eleva e, conforme vai subindo, nela se vai acumulando uma soma sempre crescente de saber e virtude; sente-se mais estreitamente ligada aos seus semelhantes; comunica mais intimamente com o seu meio social e planetário. Elevando-se cada vez mais, não tarda a ligar-se por laços pujantes às sociedades do Espaço e depois ao Ser Universal.

Léon Denis

Fonte: *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p.119-120.





Os mortos que falam

Joel M. Soares

“Deixa aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos.”

Jesus. (Mateus, 8:22.)

As palavras do Cristo encerram um profundo ensinamento. É evidente que Ele não quis recomendar que os seus seguidores deixassem aos cadáveres o cuidado de sepultar os cadáveres. Seria, na verdade, uma interpretação paradoxal.

Sob o seu ponto de vista, estritamente espiritual, o morto é aquele que se ausentou da vida, no que ela tem de mais importante e fundamental, que é o relacionamento positivo com os próprios semelhantes e a sua relação afetuosa com Deus.

Nesse sentido, existe muita gente que já morreu, mas ainda perambula pelos caminhos do mundo, sem o saber. Homens e mulheres que ainda não foram sepultados. Fugitivos do dever e da participação na vida coletiva, encerram-se nas paredes rígidas e frias de sua própria mente enfermeira, solidificados no próprio culto de si mesmos, paralisados nas teias do egoísmo, que teceram para o próprio coração, enfim, afastados voluntariamente do convívio social, onde poderiam partilhar experiências com seus semelhantes. Não há que duvidar. Virtualmente mortos.

A vida física constitui-se basicamente do emprego dos cinco sentidos com que a Natureza nos dotou. Buda já afirmava, há dois mil e seiscentos anos: *Através de cinco vias [os sentidos], os ignorantes andam à roda como o torno na mesa do oleiro... Por formas agradáveis à vista, por sons melodiosos, pelos perfumes e gostos aprazíveis, e pelos doces contactos, o mundo envolve-se nas malhas do tempo, tal como o símio que se enreda nos laços do caçador.*¹ O famoso príncipe da estirpe dos Sáquias também bradava aos seus contemporâneos: *Ouvi, ó seramanas [ascetas e meditadores], foi encontrado o não-morto!*²

Os argentinos têm sua própria versão de nosso *jogo do bicho*. Em sua *quiniela* não comparecem apenas os animais, como acontece entre nós. O número

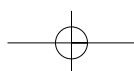
47 representa a morte e o 48 é *el muerto que habla*. Não conhecemos bem a psicologia desse povo amigo, nem suas tradições, folclore, crendices populares, etc., enfim sua própria identidade. Esse fato, todavia, nos fornece algum material para pensar.

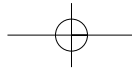
Até melhores esclarecimentos, vamos nos ater ao fato de que existe, na verdade, uma concepção diferente na *quiniela* argentina. Parece que o morto que fala é exatamente aquele cidadão que vive apenas para os sentidos físicos, enclausurado em seu sepulcro de ouro, ou de vícios, ou de amarguras incontidas ou mesmo de ilusões. São seres que gostam, mas não amam. Cuido que gostar nós o fazemos com os sentidos, mas o amar nós o exercemos com o coração. Por isso, quem gosta se contrai, quem ama se expande. Os que simplesmente gostam, nada criam fora da esfera dos sentidos, nem apreciam as criações do Espírito. Seu lema é *comamos e bebamos porque amanhã morreremos*.³

Jesus sempre fez alusão à vida interior, que acontece sempre de dentro para fora e não de fora para dentro como sói acontecer com a vida estritamente sensual. Ele afirmou aos judeus atônitos que o acompanhavam: (...) *estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos são os que a encontram*.⁴ Doutra feita dizia Ele, aos mesmos judeus, não menos aparvalhados: (...) *não quereis vir a mim para terdes vida!*⁵ Deixou claro o seu pensamento a respeito da verdadeira vida quando disse: *Eu sou o pão da vida*.⁶ Todo o escopo de sua augusta missão pode ser resumido nestas suas palavras: (...) *vim para que tenhais vida e a tenhais em abundância*.⁷

Levantando o véu que encobria nossos olhos físicos, Ele nos mostrou que temos duas vidas, a material e a imaterial; que somos de duas naturezas, a física e a espiritual. Essa duplicidade está em toda parte, em todos os nossos momentos. Forma e essência, trevas e luz, eros e *phílos*.

No início dos anos 40, Carlos Drummond de Andrade dedicou a seu amigo Otto Maria Carpeaux o poema *Os Rostos Imóveis*,⁸ em que ele nos fala de morte e de mortos. A fatídica cumplicidade das duas





faces da existência nele se esboça. O poeta filosofou com a morte. Compreendeu a mensagem evangélica da vida, num sonho singular e angustiado. Embarquemos com ele em seus devaneios:

*Pai morto, namorada morta.
Tia morta, irmão nascido morto.
Primos mortos, amigo morto.
Avô morto, mãe morta
(mãos brancas, retrato sempre inclinado na
[parede, grão de poeira nos olhos].*

*Conhecidos mortos, professora morta.
Inimigo morto.
Noiva morta, amigas mortas.
Chefe de trem morto, passageiro morto.*

*Irreconhecível corpo morto: será homem? bicho?
Cão morto, passarinho morto.
Roseira morta, laranjeiras mortas.
Ar morto, enseada morta.
Esperança, paciência, olhos, sono, mover de mão:
[mortos.*

*Homem morto. Luzes acesas.
Trabalha à noite, como se fora vivo.
Bom dia! Está mais forte (como se fora vivo).*

*Morto sem notícia, morto secreto.
Sabe imitar fome e como finge amor.
.....*

Nessa visão *whitmaniana* do poeta o mundo está morto para a vida do espírito. As luzes estão acesas, o homem trabalha à noite, diz “boa-noite”, diz “bom-dia”, indaga sobre a saúde de seus semelhantes, sabe imitar a fome e sabe fingir que ama, perambula pelas ruas, como um autômato, gesticula a esmo, diz adeus aos países distantes, o tempo nele entra e sai, como se fora vivo, mas o homem está morto.

*Acordei e vi a cidade:
eram mortos mecânicos,
eram casas de mortos,
ondas desfalecidas,
peito exausto cheirando a lírios,
pés amarrados.*

O poeta estava dormindo, isto é, estava semimorto, ou semivivo, como os demais. Enquanto dormia o sono do descuido, do espírito mundano, do homem sem disciplina, dos fracos e negligentes, como todos, não podia imaginar que o tempo de perigo é o período de segurança aparente. Acordou de seu sono e viu a realidade. Como a viu? Deus nos deu dois instrumentos de ver, que são os olhos e o entendimento: o corpo vê, a alma entende; do mesmo modo que nos deu dois instrumentos de falar, que são a língua e o coração: a língua soa, o coração fala. O poeta despertou de seu sono letárgico e viu com o entendimento e falou com o coração. Viu os homens mecânicos, quais bonecos de corda, que se agitam rotineiramente, dia após dia, sem sair do mesmo lugar, com os pés amarrados. No entanto, cansados, se enfeitam e se perfumam para a vida que não possuem.

*Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.*⁹ Assim ressoa melancolicamente a sabedoria dos antigos.

E o poeta prossegue em seus devaneios. Torna a dormir e novamente o sonho singular lhe perturba o entendimento:

*Dormi e fui à cidade:
toda se queimava,
estalar de bambus, boca seca, logo crispada.
Sonhei e volto à cidade.
Já não era a cidade,
Estavam todos mortos, o corregedor geral
[verificava etiquetas nos cadáveres.
O próprio corregedor morrera há anos, mas sua
[mão continuava implacável.*

Nesse momento, o poeta compreendeu o verdadeiro significado da vida. O próprio corregedor morrera. Cadáveres que cuidavam de cadáveres. Os mortos cuidando do sepultamento de seus mortos. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹MALCOM. E. T. *As Idéias de Buda*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, Tecnoprint Gráficas S.A., p. 21-22.

²*Idem, ibidem*, p. 32.

³Isaías, 22:13.

⁴Mateus, 7:13-14.

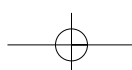
⁵João, 5:40.

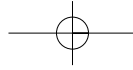
⁶João, 6:48.

⁷João, 10:10.

⁸ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1973, p. 128-129.

⁹Eclesiastes, 1:2.





Divulguemos o Espiritismo

Jorge Leite de Oliveira

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXV, item 11, lemos esta sábia recomendação:

“(...) não violenteis nenhuma consciência; a ninguém forceis para que deixe a sua crença, a fim de adotar a vossa; não anatematizeis os que não pensem como vós; acolhei os que venham ter convosco e deixai tranqüilos os que vos repelem. Lembrai-vos das palavras do Cristo. Outrora, o céu era tomado com violência; hoje o é pela brandura.” (KARDEC, 2001, p. 361.)

Tais palavras, se mal interpretadas, podem ser entendidas como estímulo à nossa indiferença no que se refere à divulgação da Doutrina Espírita. Afinal, dirão os que assim pensam, para que nos preocuparmos com a pressa em tornar universais esses conhecimentos? Um dia, todos pensarão como nós. Deus não tem pressa. A verdade está acima dos julgamentos humanos. O Espiritismo se imporá por si mesmo... Em parte, isso é verdade. Precisamos, entretanto, refletir sobre o conteúdo das palavras transcritas. Elas não autorizam a interpretação acima. Para seu melhor entendimento, vamos desmembrar a frase citada em duas partes.

Primeiramente, recomenda-se não “violentar nenhuma consciência”, etc. Nesse sentido, até mesmo entre os adeptos do Espiritismo pode haver divergência de pensamento sem que deixemos de nos estimar e respeitar fraternalmente. É preciso compreender que uma das coisas mais detestáveis, para quem acalenta uma idéia, ainda que errada, é ser desmentido publicamente.

Carnegie (2003, p. 257) afirma que para alguém ser levado a pensar como queremos, entre outras coisas, é preciso evitar discutir e respeitar sua opinião, por mais equivocada seja a pessoa. Isso porque, após ter ouvido, tomado parte de milhares de discussões, concluiu que “há apenas um caminho para conseguir o melhor numa discussão – é correr dela, correr como você correria de uma cobra ou de um tremor de terra”. (CARNEGIE, 2003, p. 166-167.)

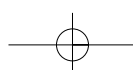
As coisas mais óbvias, em questão de crença, podem nos deixar com má vontade sobre elas, quando nos sentimos pressionados a aceitá-las como condição única de obter a proteção divina. Isso ocorre, principalmente, se já temos nossa posição firmada a respeito do assunto. Um exemplo disso são essas mensagens cristãs que recebemos na rua ou são colocadas em nossas caixas de correspondência. Aparentemente, não há nada demais nisso, e até mesmo seria de se desejar que fi-

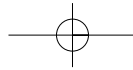
cássemos gratos a quem as oferta. Entretanto, exceto quando compartilhamos da mesma crença dos portadores das mensagens, se já temos nossa fé, sempre vemos nelas uma forma direta de proselitismo. Mesmo quando simplesmente lemos: *basta crer no Senhor e serás salvo*.

Condição única: “crer no Senhor”. Podemos continuar perversos, viciosos, hipócritas, invejosos, descaridosos, etc., mas se “cremos no Senhor”, ah, isso é o bastante. Nada de preocupações com nossa reforma íntima, afinal, a fé nos basta.

Ainda que concordemos com o conteúdo dessas mensagens, pois quase sempre nada mais são do que reproduções literais de passagens evangélicas ou do Antigo Testamento, a impressão que temos é a de que se não procurarmos a igreja X e nos filiar-mos à mesma estaremos excluídos, definitivamente, das bem-aventuranças celestiais.

Isso não significa que também os espíritas não incomodemos os não espíritas com nossas mensagens impressas em papel ou mesmo enviadas por *e-mail* sem que no-las tenham solicitado. Também entendemos que não há nada mais desagradável, para quem não acredita nas comunicações dos Espíritos com os homens, do que receber uma mensagem psicografada por alguém, ainda que essa pessoa esteja acima de qualquer suspeita. Nenhum tipo de violência à consciên-





cia alheia é aceitável, por mais bem-intencionados estejamos.

Entretanto, não podemos negar os imensos benefícios, para milhares de pessoas, que, tanto umas, quanto outras mensagens proporcionam quando oportunas. Quantos enfermos nos hospitais, quantos presidiários não se têm sentido confortados e agradecidos aos que lhes fazem uma prece, estendem as mãos e lhes deixam sua mensagem de fé, escrita ou falada! A forma de transmiti-las e a intenção existente por trás dessa divulgação é que podem ser questionadas. Se a pessoa se sente bem com sua crença, ou mesmo descrença, não temos que tentar convertê-la ao nosso modo de crer. Quando chegar o momento adequado, os bons Espíritos encaminharão cada um para o templo religioso adequado ao seu estado mental e necessidade de desenvolvimento espiritual.

A segunda parte da mensagem que encima este texto afirma: "Outrora, o céu era tomado com violência; hoje o é pela brandura." Durante muito tempo, acreditou-se que quando algo era bom para a Humanidade tinha que ser imposto pelas armas. Ainda hoje, algumas nações e sociedades pensam equivocadamente dessa forma. Em especial na política e na religião, imaginam que aquilo que é bom para si também o é para os outros sem qualquer respeito à sua cultura. Todavia, se é assim, por que os que pensam desse modo continuam sendo detestados por muitos? Por tentarem impor, à força, seu sistema político, sua religião, seus valores intelectuais e morais. É pela brandura, pelo amor que convencemos, e não pela imposição de nossas idéias. E não pela força.

Segundo Kardec, o maior adversário do Espiritismo não é qualquer religião, e sim o materialismo. É este o mais devastador sistema filosófico já imaginado pela mente humana, que tudo reduz aos fenômenos da matéria. A vida, segundo tal teoria, seria obra do acaso e se extinguiria com a morte. Mas até mesmo aos que em nada crêem não devemos violentar com nossa crença na imortalidade da alma, comunicação dos Espíritos, reencarnação e existência de Deus, entre outros aspectos básicos do Espiritismo. Esclareçamo-los, sobretudo pela razão, sem deixar de tocá-los, amavelmente, o sentimento quando nos questionarem.

A Doutrina Espírita, como outrora a mensagem de Jesus, não veio para os sãos do espírito, e sim para os enfermos da alma, para os que buscam uma esperança, um consolo para as suas existências atribuladas. Desse modo, é útil refletirmos nas seguintes palavras do Espírito Emmanuel (XAVIER, 1988, p. 190):

Convençamo-nos, porém, de que todo desequilíbrio do espírito pede, por remédio justo, a educação do espírito.

Veiculemos, assim, o livro nobre.

Estendamos a mensagem edificante.

Acendamos a luz dos nossos princípios nas colunas da imprensa.

Utilizemos a onda radiofônica, auxiliando o povo a pensar em termos de vida eterna.

Relatemos as nossas experiências pessoais, no caminho da fé, com o desassombro de quem se coloca acima dos preconceitos.

Amparemos a infância e a ju-

ventude para que não desfaleçam à míngua de assistência espiritual.

Instruamos a mediunidade.

Aperfeiçoemos nossos próprios conhecimentos, através da leitura construtiva e meditada.

Instituamos cursos de estudo do Evangelho de Jesus e da obra de Allan Kardec, em nossas organizações, preparando o futuro.

Ofereçamos pão ao estômago faminto e alfabeto ao raciocínio embotado.

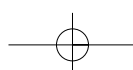
Plantemos no culto da caridade o culto da escola.

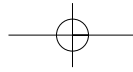
E, sobretudo, considerando o materialismo como chaga oculta, não nos afastemos da terapia do exemplo, porque, em todos os climas da Humanidade, se a palavra esclarece, o exemplo arrasta sempre.

Cabe, pois, a nós, espíritas, observar o momento propício de auxiliar aqueles que não possuem uma fé a lhes consolar o coração e a lhes satisfazer o cérebro, mas que se encontram à procura dela. Também há os que têm sua crença, entretanto, continuam sentindo um vazio em seus corações. Os templos religiosos que freqüentam lhes parecem frios; o deus que lhes dão a conhecer parece distante de nós, seus filhos; as misérias e desigualdades humanas não lhes são suficientemente explicadas. Para esses veio o Espiritismo ou Consolador prometido por Jesus.

É, pois, pela doçura, pela boa palavra, pela brandura de nossos atos que divulgaremos o Espiritismo, e não pela discussão estéril, pelo ataque sistemático às outras e às nossas instituições, e aos irmãos de ideal. E não pela violência.

É pelo estudo sistemático das





obras codificadas por Allan Kardec que nos iluminaremos com o saber renovado por Jesus. Começamos por *O Livro dos Espíritos*, continuemos com *O Livro dos Médiuns*, prossigamos com *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e concluamos com *A Gênese*. Essas obras maravilhosas que compõem o chamado pentateuco kardequiano é que nos darão a base da Nova Revelação.

Prosseguindo no estudo, que se leia as informações da *Revista Espírita*, de Allan Kardec, e nela reflita. Ensaio profundo para a

publicação das obras posteriores da Codificação, ela nos traz ao conhecimento as primeiras experiências, relatos sobre fatos extraordinários e reflexões de Kardec, bem como de muitos outros ilustres pioneiros do Espiritismo no mundo.

Mas não fiquemos nisso, leiamos as boas obras, mediúnicas ou não, que analisam ou complementam o conteúdo das obras acima. Em especial, recomendamos a chamada Série *Nosso Lar*, atualmente publicada pela Federação Espírita Brasileira sob o título genérico de

A Vida no Mundo Espiritual, em treze volumes, ditada pelo Espírito André Luiz a Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. São tantos os médiuns, escritores e livros a serem lidos e meditados por nós que, se enumerados todos, transformaríamos este artigo em catálogo. O mais importante, porém, é que conheçamos bem, para melhor praticar a Doutrina, as obras da Codificação Kardequiana já referidas.

Allan Kardec nos lembra que “fora da caridade não há salvação”. E o Espírito Emmanuel nos faz refletir que, em Espiritismo, sua maior caridade é a divulgação mesma dos ensinamentos elevados dos emissários do Cristo, para serem vivenciados, e nossa exemplificação permanente no Bem. Assim, pelos nossos pensamentos e atos sempre coerentes com a Doutrina dos Espíritos, pelo estudo permanente das obras da Codificação Espírita, na vontade de vencer as próprias limitações, e pelo trabalho em prol de um mundo cada vez melhor, renovando o próprio mundo íntimo, estaremos promovendo a melhor divulgação do Espiritismo. ■

Santa maternidade

(Preito de amizade a dois companheiros do pretérito, atualmente reencarnados em provação regenerativa.)

Recordo, castelá!... O narciso trescala
Do teu colo a fulgir de jóias soberanas...
Alguém morre na festa... E, soberba, te ufanas
Do jovem que impeliste ao suicídio na sala.

Tempos correram, presto... Entre humildes choupanas,
Trazes agora ao peito um filhinho sem fala,
Mutilado ao nascer, flor que se despetala,
No trato de aflição da prova em que te fanas...

Restauras, padecente, a vítima de outrora,
Ontem, transviada e ré, hoje, mãe que ama e chora!...
Salve a reencarnação, passaporte ao futuro!

Mãe, agradece a dor!... No porvir que vem perto,
Brilharás como estrela, ante o filho liberto,
E alcançarás, ditosa, o reino do amor puro!...

Epiphania Leite

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Poetas Redivivos*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 40, p. 66.

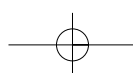
BIBLIOGRAFIA:

CARNEGIE, Dale. *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. 51. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 82. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

_____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 117. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos Espíritos*, pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988.



A FEB E O ESPERANTO

Przemek Grzybowski no Brasil

Affonso Soares

O “Curso para Capacitação de Trabalhadores Espíritas”, realizado na Sede Central da FEB, em Brasília (DF), entre os dias 20 e 24 de julho próximo passado, e que efetivamente atingiu as proporções de um minicongresso internacional de Espiritismo, proporcionou-nos o feliz ensejo, entre tantos outros, de um encontro pessoal com Przemek Grzybowski, o jovem esperantista-espírita polonês com quem nos correspondemos desde meados da década de 80. Então, Przemek, com apenas 15 para 16 anos de idade, decide buscar a orientação da FEB, envolvido que estava em experimentações mediúnicas em sua cidade natal, Bydgoszcz. De lá para cá, cresceu um incessante e proveitoso intercâmbio entre o jovem polonês, não somente conosco, pessoalmente, e com a FEB, mas igualmente com o círculo de esperantistas-espíritas do Brasil, do que resultaram fecundas iniciativas de Przemek para a divulgação do Espiritismo na Polônia.

Ao nos despedirmos em Brasília, Przemek prometeu-nos enviar algumas informações sobre a realidade dos frutos por ele obtidos em seu país num campo que ainda reveste todas as características de um trabalho exclusivamente pioneiro.

Esse trabalho agora receberá valioso auxílio da FEB e do Conse-



Przemek Grzybowski

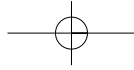
lho Espírita Internacional (CEI), que lhe acenaram com a certeza de sustentar-se, sobre bases mais sólidas, a publicação de todas as obras de Allan Kardec e algumas de André Luiz na língua polonesa.

Eis o texto de nosso amigo, em tradução do esperanto:

Caro e estimado Sr. Affonso, Como prometi, faço-lhe agora um pequeno relato sobre Espiritismo na Polônia, pois, visitando o Brasil, constatei o fato de que muitas pessoas, não tendo qualquer conhecimento a respeito do assunto, perguntavam-me com frequência sobre um movimento espírita polonês que ainda, efetivamente, não existe.

No tempo de Allan Kardec, a Polônia havia desaparecido dos mapas da Europa, dividida que estava entre três nações, tendo essa si-

tuação durado cerca de 100 anos. Havia, portanto, naquela época uma enorme preocupação de se proteger a cultura polonesa, ante a dificuldade de se desenvolver as artes e a literatura nacionais. Por essa razão, entre outras, muitas obras estrangeiras não eram traduzidas para o polonês. Além disso, é necessário destacar que a principal instituição a cuidar da proteção da cultura nacional era a Igreja Católica, cujos sacerdotes eram muito cultos e relativamente poderosos, não constituindo, portanto, motivo de surpresa o fato de que as primeiras traduções das obras de Allan Kardec e de outros espíritas só tenham surgido após a Primeira Guerra Mundial. A ação de uma censura cultural fazia com que as tiragens não fossem muito grandes e os livros, às vezes, tivessem uma forma absolutamente estranha. Por exemplo, a edição de O Livro dos Espíritos, que apareceu nos anos 30 do século XX, tinha apenas 250 páginas, isto é, com metade do texto suprimido. Somente após a mudança dos sistemas econômico e político, a partir de 1989, foi possível desenvolver na Polônia um livre mercado para a edição de livros, o que possibilitou a publicação das primeiras traduções integrais da literatura clássica do Espiritismo. Até agora foram publicados O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns, já estando no prelo O Céu e



o Inferno. Durante muitas décadas, quando em outros países já bem se conhecia e se utilizava a literatura espírita, apenas alguns poucos adeptos havia na Polônia, os quais, graças a seus conhecimentos da língua francesa, ou (como no meu caso) graças às obras espíritas editadas em esperanto pela FEB, podiam cultivar seus interesses. Até agora ainda não nasceu um efetivo movimento espírita polonês, pelo simples fato de que, sendo ainda muito poucos, os militantes estão separados por grandes distâncias e se comunicam apenas pela Internet. Pessoalmente só conheço sete pessoas que se declaram espíritas na Polônia, dentre as quais duas são brasileiras.

Na minha opinião, a principal tarefa desses poucos, mas entusiasmados, espíritas poloneses é preparar traduções completas e de boa qualidade de obras espíritas que a seu tempo virão a influir no pensamento do povo polonês. É um trabalho que deve ser feito de modo prudente e sistemático, visando a proteger os valores culturais da sociedade polonesa e prepará-la para o conhecimento da Doutrina Espírita. É provável que somente as gerações futuras possam colher os frutos resultantes do trabalho que agora é feito pelos pioneiros do Espiritismo na Polônia, os quais estão recebendo um enorme auxílio de espíritas do Brasil, da França, da Inglaterra, sob a forma de livros, conselhos, preces e bons votos, sempre úteis a tão nobre ideal. A sementeira está iniciada e os frutos, cedo ou tarde, certamente surgirão.

Para mim, portanto, revestem-se de grande importância a nossa correspondência, nossos contatos e a

recíproca colaboração. Não obstante a imensa distância que nos separa, lançamos juntos as sementes de nosso ideal comum, e um trabalho dessa natureza é, sem dúvida alguma, fonte de grande felicidade. Ele, porém, não poderia ser tão fe-

cundo, se não pudéssemos comunicar-nos através do esperanto.

Ainda uma vez mais, agradeço-lhe por tudo, desejando-lhe, e a todos os samideanos do Brasil, as bênçãos de Deus. Até breve!

Przemek. ■

Como estamos pensando?

Jorge Hessen

Os pensamentos negativos operam em nosso estado íntimo determinada perturbação, instaurando desarmonias de grandes proporções nos centros da alma e provocando lesões funcionais variadas. Deste modo, estabelecem fulcros mórbidos de natureza singular no arcabouço físico, impondo às células a desarmonia pela qual se vulnerabilizam os recursos de defesa, sedimentando-se campo fértil à proliferação de bactérias patogênicas nos tecidos menos propensos à defesa.

Quaisquer enfermidades surgem como efeitos, residindo a causa no desequilíbrio dos reflexos da vida interior, uma vez que os sintomas mentais depressivos influenciam as células fisiológicas.

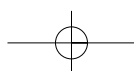
Óbvio que no desleixo da nutrição o corpo paga pesados tributos de sofrimento, posto que possibilita a infestação de grande quantidade de microorganismos patogênicos que, em se instalando nas células orgânicas, podem induzir às

moléstias infecciosas de múltiplos caracteres. Porém, não é somente dessa forma que se originam os processos patológicos multiformes.

Nossas emoções mais profundas, quaisquer que sejam, geram também agudas enfermidades.

Os reflexos dos sentimentos e pensamentos menos dignos que alimentamos se voltam sobre nós mesmos, depois de transformados em ondas mentais, tumultuando nossas funções neurológicas, e esses reflexos inconseqüentes, derramando-se sobre o tecido cortical, gestam alucinações que podem variar do medo manifesto ao estado neurótico, situação em que os obsessores nos atingem com sugestões destruidoras, diretas ou indiretas, conduzindo-nos a deploráveis fenômenos de descontrole psicoemocional.

Mister é não esquecer jamais que apenas o sentimento de amor cristão pode impulsionar o correto pensamento, sem os quais adoecemos pela insuficiência de equilíbrio íntimo, imprimindo no corpo físico as distonias e as variadas patologias que lhe são conseqüentes. ■



PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

A festa dos mortos não é nos cemitérios

Hoje é dia de festa nos asilos consagrados ao repouso dos mortos. A multidão se apressa, os trajes brilham; percorrem-se os campos fúnebres a passos lentos, e parece que esta afluência deveria encher de alegria as almas dos que não pertencem mais ao número dos encarnados! Entretanto, quão pouco numerosos são os Espíritos que do espaço vêm reunir-se aos seus antigos amigos da Terra! Os humanos são inumeráveis, quase alegres ou no mínimo indiferentes; um zumbido imenso se eleva acima da multidão. Mas, de que se ocupa toda essa gente? que sentimento as reúne? Pensam nos mortos? Sim, pois que vieram! Mas o pensamento salutar bem depressa se eclipsou; e se alguns nomes inscritos sobre as lápides tumulares provocam as exclamações do transeunte indiferente, ele lança no éter com a fumaça de seu charuto algumas reflexões banais, alguma gargalhada sem eco!...

Nessa balbúrdia nascem todos os pensamentos, todos os sentimentos, todas as aspirações, exceto o recolhimento, o sentimento religioso, a aspiração à comunhão íntima com os que partiram. Muitos curiosos, mas bem poucos possuem a re-

ligião da lembrança!... Por isso, os mortos que não se sentem chamados estão por toda parte, menos nos cemitérios, e a maioria dos que planam no espaço ou circulam nas estreitas aléias, estão fatalmente chumbados pelas paixões terrestres aos despojos mortais que outrora tanto amaram.

Risos, discursos inúteis entre os vivos; gritos de dor e de raiva na maior parte dos mortos; um espetáculo sem interesse para todos, uma visita formal para alguns, hábito para a maioria, eis o quadro que apresentam os cemitérios parisienses no dia dos mortos!...

E, contudo, há festa na Terra e no espaço; festa para os Espíritos que, havendo cumprido a missão que aceitaram, expiado o mal de outra existência, voltaram ao mundo da vida real e normal com alguns florões a mais. É festa para os santos que a Humanidade inteira consagrou, não por uma abnegação sem utilidade e um isolamento egoísta, mas pelo devotamento a todos, por seus trabalhos fecundos, por seus ensinamentos perseverantes, por sua luta incessante contra o mal, pelo triunfo do bem. Para estes há festa no espaço, como há festa na Terra para todos os que, esclarecidos pelas grandes leis que regem os universos, clamam em seu foro íntimo pela visita dos que tanto amaram e que não estão perdidos para eles. Há festas para os espíritos que

crêem e praticam. Há festa para os Espíritos que instruem e que continuam no espaço a obra de regeneração começada neste mundo!...

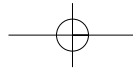
Ó, meus amigos, no campo dos mortos, nestes dias consagrados pelo uso, tudo é do domínio da morte em seu sentido mais restrito!... A vestimenta abandonada pelo Espírito não existe mais e não há crença alguma no coração dos visitantes; são mortos que só têm da vida as aparências terrestres, pois a vida real, a grande vida da alma ainda é desconhecida para o maior número.

Nós vivemos, nós que pensamos, que progredimos, que trabalhamos juntamente para estabelecer a base dos progressos futuros; e eles morrem, ou, melhor, vão morrer no passado para nascer no futuro, graças ao Espiritismo, que traz em seu seio a fonte fecunda de toda perfeição.

A morte não existe; a desagregação que leva este nome restitui à terra os elementos que o corpo material aí hauriu; mas a alma em que reside a vida, a alma que é o ser integral, edifício incessantemente aperfeiçoado pela provação humana, emerge no limiar da morte para a vida real e sem fim da erraticidade!...

Moki

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – dezembro de 1869, p. 513-515, tradução de Evandro Noleto Bezerra – Ed. FEB.



Qual o aspecto mais importante do Espiritismo?

Gerson Simões Monteiro

Ciência, do latim *scientia*, conhecimento exato de certas coisas, conforme alguns lexicólogos, é a primeira das três palavras que exprimem o tríplice aspecto sob o qual se apresenta a Doutrina Espírita, composta pelos três pilares que a sustentam: Ciência, Filosofia e Religião. Entendemos que todos estes três aspectos, geradores de conseqüências morais para a Humanidade, são importantes, de acordo com a linha de pensamento exposta a seguir.

Ciência

Se entendemos por ciência a sistematização lógica dos conhecimentos resultantes da observação e da experiência, orientados e dirigidos convenientemente, então, não há dúvida: o Espiritismo é também ciência. Ademais, se a ciência tem como finalidade a rigorosa investigação dos fatos observáveis, decorrentes de causas ignoradas, cuja extensão e natureza procura conhecer a fim de deduzir suas leis, o Espiritismo, ainda assim, é ciência, e como tal requer, por força de seus métodos comprovadamente experimentais, o lugar que lhe deve caber na classificação das ciências ditas positivas.

As características científicas da Doutrina Espírita são evidentes quando examinamos o intercâmbio existente entre encarnados e desencarnados. Neste caso, ela é pura ciência quando comprova, experimentalmente, a existência do Espírito e sua sobrevivência ao desaparecimento do corpo físico, por meio dos fenômenos espíritas.

O Espiritismo como Ciência estuda e pesquisa os fenômenos espíritas como fatos naturais e universais

Como se sabe, a pesquisa séria e toda a análise criteriosa conduzem sempre o homem ao encontro da verdade. Eis por que Allan Kardec, observando os fenômenos das chamadas “mesas girantes”, chegou a conclusões tão significativas capazes de levá-lo a codificar o Espiritismo. Por outro lado, embora os princípios da Doutrina Espírita sejam comprovados experimentalmente, o que lhe confere o caráter científico,

podemos afirmar que ela é essencialmente filosófica.

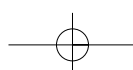
Diante de tais colocações, concluímos que o Espiritismo como **Ciência** estuda e pesquisa os fenômenos espíritas como fatos naturais e universais perfeitamente observáveis, e prova que os Espíritos existem e são imortais, sendo eterna a vida.

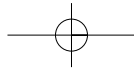
Filosofia

O Espiritismo, enquanto Filosofia, define as responsabilidades do Espírito encarnado e desencarnado, estabelecendo uma regra moral de vida e comportamento para os seres da Criação, dotados de razão e consciência.

Ao encontro dessa assertiva, a questão 614, de *O Livro dos Espíritos*, nos mostra que “a lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta”.

Portanto, o aspecto filosófico do Espiritismo está no estudo que faz do homem, em sua dimensão física e espiritual, da sua origem, da sua destinação e de seus problemas; e no estudo de Deus, Criador de todas as coisas e que tudo dirige inteligentemente. >





Podemos dizer, então, que o Espiritismo enquanto **Filosofia** compreende todas as conseqüências morais que emanam da interpretação dos fatos naturais e universais, permitindo ao Homem chegar, pela reflexão e pela razão, à verdade a respeito de si mesmo, da Vida, do Mundo e de Deus.

Religião

Vale lembrar que, em todas as obras da Codificação, Allan Kardec evidenciou o caráter religioso do Espiritismo, como demonstraremos através das citações que faremos a seguir:

a) “O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras (...)” – *O Livro dos Espíritos* (Conclusão, item V);

b) “(...) o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é incutir sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes.” – *O Livro dos Médiuns* (Primeira Parte, capítulo III, item 24);

c) “A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. *Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se.*” – *O Evangelho segundo o Espiritismo* (Capítulo I, item 8);

d) “(...) o Espiritismo vem opor um dique à difusão da incredulidade (...).” – *O Céu e o Inferno* (1ª Parte, capítulo I, item 4);

e) “O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez (...)” – *A Gênese* (Capítulo I, item 41);

f) “(...) o Espiritismo é uma religião (...) e nós nos vangloriamos por isto (...)” – Discurso de 1º de novembro de 1868, pronunciado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos e publicado na *Revista Espírita* (Dezembro de 1868, p. 491);

g) “(...) o Espiritismo (...) vem confirmar (...) todas (...) as verdades fundamentais da religião (...)” – *O que é o Espiritismo* (Terceiro Diálogo); e,

h) “O Espiritismo (...) não vem destruir os fatos religiosos, porém sancioná-los, dando-lhes uma expli-

cação racional.” – *Obras Póstumas* (Primeira Parte, Manifestações dos Espíritos, item 7).

Por essas afirmações muito claras do Codificador, podemos dizer que a Religião que se traduz em fé na existência de Deus, na certeza da imortalidade da alma, na grandeza da vida aqui e no Mais Além, é o fator decisivo que garante a vida espiritual estruturada em nosso mundo, principalmente por intermédio da vida social e familiar.

Pelo visto, o Espiritismo como **Religião** compreende os deveres do Homem para com Deus, não admite liturgia ou culto exterior, prega a fé raciocinada e repousa sobre as bases fundamentais da crença religiosa: Deus, a alma e a vida futura.

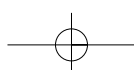
Conclusão

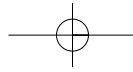
Após tais considerações, podemos responder à pergunta-título deste artigo com o pensamento do Benfeitor espiritual Emmanuel, à questão 260 de *O Consolador*, livro psicografado pelo médium Chico Xavier ao ser perguntado: “Em face da Ciência e da Filosofia como interpretar a Religião nas atividades da vida?” A resposta é cabal:

“Religião é o sentimento Divino, cujas exteriorizações são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes. Enquanto a Ciência e a Filosofia operam o trabalho da experimentação e do raciocínio, a Religião edifica e ilumina os sentimentos.

As primeiras se irmanam na Sabedoria, a segunda personifica o Amor, as duas asas divinas com que a alma humana penetrará, um dia, nos pórticos sagrados da espiritualidade.” ■

Enquanto a Ciência e a Filosofia operam o trabalho da experimentação e do raciocínio, a Religião edifica e ilumina os sentimentos





Repensando Kardec

Da Lei de Justiça, de Amor e de Caridade

(O Livro dos Espíritos, questões 873 a 892)

Inaldo Lacerda Lima

1. Justiça e direitos naturais (questões 873 a 879): Allan Kardec inicia o capítulo XI, da Parte 3ª, com a seguinte indagação: “O sentimento da justiça está em a natureza, ou é resultado de idéias adquiridas?” Os Espíritos Reveladores respondem com ênfase: *“Está de tal modo em a natureza, que vos revoltais à simples idéia de uma injustiça. É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá.”* Esclarecem que *“Deus o pôs no coração do homem.”* E enfatizam: *“Dai vem que, frequentemente, em homens simples e incultos se vos deparam noções mais exatas de justiça do que nos que possuem grande cabedal de saber.”*

Então, na segunda questão (874), o Codificador pergunta: “Sendo a justiça uma lei da Natureza, como se explica que os homens a entendam de modos tão diferentes, considerando uns justo o que a outros parece injusto?” Sempre atenciosos respondem que *“(…) a esse sentimento se misturam muitas paixões que o alteram, como sucede à maior parte dos outros sentimentos naturais, fazendo que os homens vejam as coisas por um prisma falso”.*

Allan Kardec, buscando mais esclarecimento para melhor percepção desse relevante tema, pergunta ainda aos Espíritos Superiores (questão 875): “Como se pode definir a justiça?” Eles respondem com amor e sabedoria: *“A justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais.”* Para que nenhuma dúvida pudesse ficar na mente de alguém, o mestre Kardec insiste: “Que é o que determina esses direitos?” Respondem os porta-vozes da Espiritualidade superior: *“Duas coisas: a lei humana e a lei natural.”* Os homens, porém, visando a seus próprios interesses e costumes característicos, estabeleceram direitos mutáveis.

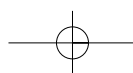
Comparemos as leis de hoje, mesmo imperfeitas, com as leis que dominavam na era medieval, cujas monstruosidades vistas agora, através da História, eram aceitas como justas naquele tempo! Analisemos com cuidado e à luz do que nos ensina o Evangelho, as questões seguintes (876 a 879), cujas respostas longas denotam o cuidado com que foram respondidas.

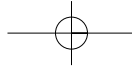
Quanto à base da justiça segundo a lei natural (questão 876),

atentemos ao que nos determina o Cristo: *“Queira cada um para os outros o que quereria para si mesmo.”* Onde está a dificuldade para isso? Só há uma resposta: no egoísmo, que é o mal de todos os males! Allan Kardec, em sua *Nota* inspiradamente o explica: *“(…) A sublimidade da religião cristã está em que ela tomou o direito pessoal por base do direito do próximo.”*

Viver, por exemplo, em sociedade (questão 877) é uma necessidade que exige obrigações naturais, conforme concordam os Espíritos Reveladores, salientando que a principal ou primeira das obrigações é respeitar o direito dos semelhantes. E informam que *“(…) a causa da perturbação e da confusão em que vivem as sociedades humanas”* está no fato de a maioria dos homens não praticar a lei de justiça.

Na questão 878, ao indagar o Codificador acerca de o homem enganar-se quanto à extensão do seu direito, e que é o que melhor fará conhecer o limite desse direito, respondem os Espíritos ser dever de tal homem reconhecê-lo sempre ao seu semelhante, em idênticas circunstâncias e reciprocamente. ➤





Todavia, aplicando a psicologia ao que conhece dos homens, faz ver que se cada um atribuir a si mesmo direitos iguais aos dos seus semelhantes, que virá a ser da situação entre superiores e subordinados? Não ocorreria a anarquia de todos os poderes? Eles respondem: “Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde os de condição mais humilde até os de posição mais elevada.” Claro que tal resposta era esperada pelo Codificador. Mas convinha registrar que Deus não fez a uns mais puros que a outros. Os homens é que criaram separações e diferenças em suas instituições. Encerram os Espíritos a resposta com esta sentença: “(...) A subordinação não se achará comprometida, quando a autoridade for deferida à sabedoria.”

Quanto a “qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza” (questão 879), respondem os Espíritos Superiores: “O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, porquanto praticaria também o amor do próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.”

2. Direito de propriedade.
Roubo (questões 880 a 885): Inicialmente, indaga o Codificador: “Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?” E a resposta vem de imediato: “O de viver.” Daí não caber a ninguém a ação de atentar contra a vida do semelhante, nem de “comprometer-lhe a existência corporal”, conforme ainda ocorre em todo este sofrido planeta, inclusive aqui, neste país destinado pelo Cristo a ser, no futuro, a **pátria do Evangelho e o coração do mundo**, com o esforço e colaboração dos verdadeiros es-

píritas e dos homens de boa vontade, que já são muitos!

O direito de viver (questão 881) – confirmam os Espíritos Reveladores – dá ao homem o direito de acumular bens, “(...) mas ele deve fazê-lo em família, como a abelha, por meio de um trabalho honesto, e não como egoísta”, do que até algumas espécies irracionais dão bons exemplos.

Indaga Allan Kardec (questão 882) se a todo homem assiste o direito de defender os bens que haja conseguido juntar através do trabalho honesto. E os Espíritos Superiores o confirmam: “Não disse Deus: Não roubarás? E Jesus não disse: Dai a César o que é de César?”

Há, porém, os desperdiçadores, que esquecem a previdência e chamam de egoístas os que guardam para as ocasiões difíceis algo que lhes haja sobrado dos haveres diários! E Kardec pergunta (questão 883): “É natural o desejo de possuir?” “Sim, [respondem eles] mas quando o homem deseja possuir para si somente e para sua satisfação pessoal, o que há é egoísmo.”

Kardec procura ouvir dos Espíritos tudo o que possa contribuir para os nossos acertos, e indaga deles se não é legítimo o desejo de possuir naquele que tendo de que viver a ninguém é pesado. Obtém como resposta que “há homens insaciáveis, que acumulam bens sem utilidade para ninguém, ou apenas para saciar suas paixões”. É verdade. Observamos isso no comportamento social de muitas classes, até mesmo daqueles que têm o dever de exemplificar. Àquele que junta com objetivos morais sérios, com vistas ao bem, é-lhe válida a parcimônia.

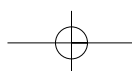
Os Espíritos Superiores respondem ao mestre Kardec (questão 884) que “propriedade legítima só é a que foi adquirida sem prejuízo de outrem”. Ele nos chama a atenção para a questão 808, que trata da velhacaria e do roubo.

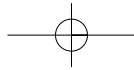
Em relação à última questão deste item (885), asseguram-nos os Espíritos Reveladores que “(...) tudo que legitimamente se adquire constitui uma propriedade. Mas, como havemos dito, a legislação dos homens, porque imperfeita, consagra muitos direitos convencionais (...)”.

3. Caridade e amor do próximo (questões 886 a 889): “Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?” A esta indagação de Allan Kardec (questão 886), os Espíritos respondem: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.” É a caridade moral, que atende às necessidades do Espírito imortal e não às carências do homem temporal.

Ficamos a refletir sobre cada expressão da Nota do Codificador, a esta questão, na qual ele destaca que a caridade, segundo Jesus, “(...) abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer”.

Na questão 887, os Espíritos Superiores, diante da indagação de Kardec, concordam que não se pode oferecer a um inimigo um amor terno e apaixonado, esclarecendo que esse não foi o pensamento do Cristo. Todavia, “(...) amar os inimigos





é perdoar-lhes e lhes retribuir o mal com o bem”. Se assim procedessem todos os homens, estaria definitivamente resolvido o problema da Paz e estabelecida a fraternidade na Terra.

Em seguida (questão 888), pergunta Kardec: “Que se deve pensar da esmola?” Eles respondem: “*Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se.*” Com isso, entendemos que esmola nem sempre é caridade, mas humilhação. E aqui temos um assunto da área da Sociologia, da Política e dos governos, pois compete ao Estado assegurar existência digna aos que já não podem trabalhar, e fomentar meios de educação e desenvolvimento social a fim de que não falte trabalho para ninguém.

Os Espíritos não são contra a esmola, mas sim a maneira pela qual ela é feita. Vale, aqui, meditarmos atentamente na resposta de Vicente de Paulo, em cujo teor há expressões que merecem ser bem refletidas por todos os homens, em sua sublime e caridosa lição.

Respondendo à questão 889, que encerra o assunto sobre a esmola, concordam os Espíritos Reveladores que há homens condenados à mendicância por sua própria culpa, “*mas, se uma boa educação moral lhes houvera ensinado a praticar a lei de Deus, não teriam caído nos excessos causadores da sua perdição.*”

4. **Amor materno e filial** (questões 890 a 892): É muito interessante a primeira pergunta (890) do mestre Allan Kardec, iniciando o assunto: “Será uma virtude o amor materno, ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais?” Respondem os Espíritos:

“*Uma e outra coisa.*” E estabelecem diferença entre o amor dos seres humanos e de nossos irmãos irracionais. Nestes, o amor se limita às necessidades físicas, mas, no homem, persiste pela vida inteira.

Na questão 891, refere-se o Codificador a mães que odeiam seus filhos, às vezes desde a infância. Os Espíritos Superiores atribuem tal fato à prova que o Espírito do filho escolheu por ter sido mau pai ou mãe perversa, ou filho mau noutra existência, uma vez que Deus **não permite**

que mal algum alguém sofra imerecidamente.

Assim (questão 892), quando os filhos causam desgostos a seus pais, não cabe a estes abandoná-los ou deixar de assisti-los, porque paternidade ou maternidade representam encargos que são dados ao ser humano em missão, e aí daqueles que os descumprem. “*(...) Demais, [concluem eles] esses desgostos são, amiúde, a conseqüência do mau feitio que os pais deixaram que seus filhos tomassem desde o berço. Colhem o que semearam.*” ■

Desportos

Se há esportes que auxiliam o corpo, há esportes que ajudam a alma...

A marcha do dever retamente cumprido.

A regata de suor no trabalho.

O exercício do devotamento ao estudo.

O salto do esforço, acima dos obstáculos.

A maratona das boas obras.

O torneio da gentileza.

O mergulho no silêncio, diante da injúria.

O nado da paciência nas horas difíceis.

A ginástica da tolerância perante as ofensas.

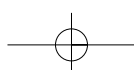
O vôo do pensamento às esferas superiores.

A demonstração de resistência moral nas provas de cada dia.

Todos esses desportos do espírito podem ser praticados em todas as idades e condições. E creia que qualquer campeonato num deles será prêmio de luz em seu coração, a brilhar para sempre.

André Luiz

Fonte: XAVIER, Francisco C.; VIEIRA Waldo. *Estude e Viva*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 86.



SEARA ESPÍRITA

Formação de Trabalhadores da Unificação

Promovido pelo Conselho Federativo Nacional da FEB, realizou-se em Recife, nos dias 24 e 25 de setembro passado, o Curso de Formação de Trabalhadores da Unificação, destinado aos representantes das Federativas Estaduais do Nordeste. O Curso teve como eixo temático o pensamento de Kardec na *Viagem Espírita de 1862*, desdobrado em três módulos – Unidade Doutrinária, União dos Espíritas e Organização do Movimento Espírita –, sendo coordenado por Altivo Ferreira (FEB) e ministrado por Antonio Cesar Perri de Carvalho e Marco Leite (FEB), Creuza Santos Lage (BA) e Sandra Maria Borba Pereira (RN). Participaram dirigentes e assessores das nove Federativas que integram a Região: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

R. G. do Sul: Congresso Médico-Jurídico-Espírita

Ética da Vida: uma visão médico-jurídico-espírita do ser humano é o tema do I Congresso Médico-Jurídico-Espírita do Rio Grande do Sul, que ocorrerá nos dias 26 e 27 deste mês, no centro de eventos do Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre, promovido pelas instituições Associação Jurídico-Espírita do Rio Grande do Sul (AJERS), Hospital Espírita de Porto Alegre e Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS). As palestras, cujo temário se fundamenta no tema geral, serão proferidas por: Divaldo Pereira Franco, Marlene Nobre, Sérgio Lopes, Izaías Claro, Júlia Nezu de Oliveira, Décio Iandoli Jr., João Alessandro Müller, Cícero Marcos Teixeira e Sandra Della Pola da Silva.

Holanda: Encontro Espírita

O Movimento Espírita holandês reuniu-se, no dia 25 de setembro, no 5º Encontro Nacional da Holanda, que teve como tema central *A Caridade*. O evento contou com tradução simultânea do português para o holandês. (SEI.)

Paraná: Inter-Regional Norte

Realizou-se em Apucarana, no Colégio Estadual Polivalente, em 30 de outubro, a Inter-Regional Norte, composta pelas 4ª, 5ª e 6ª UREs (Uniões Regionais

Espíritas), com sede respectivamente em Jacarezinho, Londrina e Apucarana. O programa constou de Seminário Geral (Maria Helena Marcon), e Seminários Setoriais das Áreas: Administrativa/Institucional (Luiz Henrique da Silva e Francisco Ferraz Batista), Doutrinária/Difusão (Terezinha Colle e Wilson Reis Filho), Infância e Juventude (Adriano Greca) e Serviço de Assistência Espírita (Shou Wen Allegretti e Zenaide Simões).

Pernambuco: FEP realiza seminários

A Federação Espírita Pernambucana promove nos dias 19 e 20 deste mês, com a expositora Marlene Nobre, Presidente das Associações Médico-Espíritas do Brasil e Internacional, dois seminários: *Obsessão e suas Máscaras*, no Auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Vitória de Santo Antão, e *Autoconhecimento: Fonte de Saúde e Equilíbrio*, em sua sede em Recife.

Ceará: Estação Kardec

A Federação Espírita do Estado do Ceará lançou o projeto *Estação Kardec*, que visa estimular o estudo e a reflexão sobre as obras do Codificador nas instituições espíritas cearenses. O tema deste ano é *O Centro Espírita segundo Allan Kardec*, utilizando como base de estudo o livro *O Céu e o Inferno*, editado há 140 anos, e será abordado através de fóruns de debates nos órgãos de Unificação e de palestras nas casas espíritas.

Matão (SP): Centenário de O Clarim

A solenidade comemorativa do Centenário do jornal *O Clarim* movimentou a cidade de Matão nos dias 12, 13 e 14 de agosto, e atraiu 900 participantes de 3 países (Itália, Peru e Suécia) e de 14 Estados brasileiros, compreendendo 112 cidades. O Presidente da FEB e Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional, Nestor João Masotti, participou da solenidade. O tema do evento – *Dimensão Espiritual da Nova Era* – foi desenvolvido por: Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira, Marlene Nobre, Irvênia Prado, Moacir Costa Lima, André Luiz Peixinho, Alberto Almeida e Sérgio Felipe de Oliveira.